

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**FELIPPE OTAVIANO PORTELA FERNANDES**

**A PSICOLOGIA E POVOS INDÍGENAS: REFLEXÕES A PARTIR DO  
CONTATO COM OS YEPA MAHSÃ NO PROJETO RIOS E REDES**

**MANAUS  
2017**

FELIPPE OTAVIANO PORTELA FERNANDES

**PSICOLOGIA E POVOS INDÍGENAS: REFLEXÕES A PARTIR DO  
CONTATO COM OS YEPA MAHSÃ NO PROJETO RIOS E REDES**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador:  
Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

MANAUS  
2017

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Felippe Otaviano Portela Fernandes

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

### Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcelo Gustavo Aguilar Calegare

UFAM (Orientador)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Danilo Silva Guimarães

IP-USP / Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Experimental  
(Membro titular externo)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva

UFAM / PPG-Psicologia (Membro titular interno)

Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes da Costa

UFAM / PPG-Psicologia (Membro suplente interno)

Assinatura: \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Ao final dessa etapa é impossível não refletir que se passaram dois anos desde que entrei nesse momento chamado “Mestrado”. Esse momento, de fato foi trabalhoso, e muitas vezes me peguei pensando que seria impossível passar pelos desafios que se colocavam a minha frente. Porém, consegui passar pelos obstáculos que se colocavam ou eu mesmo colocava na minha frente, e não fiz sozinho, mas sim com a ajuda de pessoas valiosas que estiveram ao meu lado.

Portanto eu primeiramente gostaria de agradecer, às pessoas que sempre estiveram do meu lado, desde o início da minha caminhada, que são: a minha mãe Dalmarina, meu irmão Italo, minha Irmã Socorro, minha sobrinha Gabriela. Que sempre deram apoio incondicional e sempre darão.

Agradeço também a pessoa que nesse exato momento faz parte das minhas caminhadas e da minha vida a aproximadamente 10 anos. Sempre estando ao meu lado, me dando apoio e incentivando a continuar. A você Cindy Alves Dias, posso dizer que sou eternamente agradecido, por fazer parte da minha vida. Estarei sempre em débito pelo seu companheirismo.

Agradeço também aos meus companheiros de Kung Fu, assim como ao meu Sifu José Vasconcelos, pois a partir do convívio e dos ensinamentos filosóficos e marciais do Kung fu, consegui encarar com serenidade e com coragem os desafios que surgem na vida cotidiana, e também na própria pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Marcelo Aguilar Calegare, que desde o meu início no mundo da pesquisa me estimulou a percorrer os caminhos desafiadores de se fazer Psicologias não ortodoxas, me permitindo ter o olhar crítico para aquilo que naturalizado, permitindo também enxergar possíveis negligências epistemológicas às diversidades humanas. Agradeço também aos meus colegas do LABINS, assim como os meus colegas do mestrado, que comigo compartilharam das angústias e felicidades de se produzir uma pesquisa científica.

Agradeço de coração aos meus colegas de NEAI, pois a vivência no núcleo e com todos que faziam parte, me foram de grande e precioso aprendizado. Esse trabalho não teria sido realizado se não fosse pela generosidade, companheirismo, de todos os membros, para com este psicólogo. Agradeço a Gilton Mendes, Carlos Dias, Ernesto, Guilherme, Diego e Lorena, que pelas trocas de conhecimento e conversas amigáveis, que foram de grande importância para essa dissertação. Por fim, agradeço ainda especialmente ao João Paulo, Dagoberto, Gasoma, Buu e Rivelino que de braços abertos dividiram os seus conhecimentos comigo, permitindo que entrasse em contato com conhecimentos que mudaram a minha vida e minha forma de ver o mundo mais uma vez.

## RESUMO

Os estudos de Psicologia voltados aos povos indígenas no contexto brasileiro, mesmo crescendo gradativamente, ainda carecem de referenciais que possibilitem a compreensão de muitos processos psicológicos dentro de suas especificidades culturais. Torna-se importante a construção de Psicologias relevantes aos contextos que se propõem estudar, rompendo com a dominância epistemológica de abordagens ocidentais e eurocêntricas. Desse modo, esse trabalho teve como objetivo fazer uma análise psicossocial da pessoa Tukano – Yepa Mahsã – por meio do Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori, neste trabalho, o Kihti Ukuse é entendido como as narrativas. O Bahsese é entendido como mediador das relações entre os Yepa Mahsã, com os Wai Mahsã, com os seus demiurgos e também como um instrumento agenciador das relações e classificações do entorno. E o Bahsamori é aqui entendido como o conjunto de rituais coletivos (Poose) que acontecem em diferentes momentos, acompanhando um calendário de constelações e fenômenos ambientais. Esta pesquisa foi realizada junto ao Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), que tem desenvolvido conhecimentos junto ao grupo indígena dos Tukano a partir do “projeto Rios e Redes”, abordando antropologicamente as concepções indígenas sobre os diferentes sentidos da relação sociedade/natureza. Composto a equipe de pesquisadores antropólogos indígenas e não indígenas, tivemos o objetivo de contribuir com leitura uma psicossocial mostrando as inter-relações entre pessoa e contexto social. Nossa pesquisa foi qualitativa, utilizando-se de: a) dados secundários (transcrições de simpósio, relatórios de atividades e materiais textuais produzidos durante o projeto); b) de memórias escritas das reuniões grupais formais da equipe de pesquisadores; c) de informações do diário de campo a partir das conversas informais que ocorreram entre a equipe. Assim, construímos conhecimentos não como um pesquisador participante nem observador distante, mas como pesquisador no cotidiano que auxiliou tanto na construção do discurso antropológico sobre os três conceitos Tukano, e na elaboração dos materiais textuais. Os dados foram analisados por análise de conteúdo. O primeiro capítulo trará uma discussão a respeito do contexto das pesquisas de Psicologia e povos indígenas tanto em âmbito nacional quanto em âmbito internacional. O segundo abordará o histórico das epistemologias de Psicologia que estudam as culturas, assim como os fundamentos das ‘Psicologias Indígenas’ e também da Psicologia Macro Cultural. O terceiro capítulo apresentará como os três conceitos Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori, auxiliam na análise psicossocial da pessoa Yepa Mahsã, se utilizando da leitura da Psicologia Macro Cultural. Nas considerações finais será abordado que o elemento “psicossocial”, inerente aos Yepa Mahsã, compreende relações sociais que se estabelecem em diferentes patamares de existência, bem como uma relação com um ambiente que não é inerte, mas sim vivo e relacional.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Povos Indígenas; Pesquisador no cotidiano; Tukano.

## ABSTRACT

The Psychology studies focused on native people in the Brazilian context, even if growing gradually, still lack references that allow the comprehension of many psychological phenomena within their cultural specificities. It becomes important the construct of psychologies relevant to the context that they propose to study, breaking with the epistemological dominance of Western and Eurocentric approaches. Thus, the purpose of this work is to make a psychosocial analysis of the the Tukano person – Yepa Mahsã – through the Kihti Ukuse, Bahsese and Bahsamori. In this work, the Kihti Ukuse is understood as the narratives. The Bahsese is understood as the mediator of the relationship between Yepa Mahsã with the Wai Mahsã, with their demiurges, as well as the agent instrument of the relationships and classifications of the surroundings. And the Bahsamori is understood here as a set of collective rituals (Poose) that happen in different moments, following a calendar of constellations and environmental phenomena. This research was done with the Amazonian Indigenous Research Nucleus (NEAI), that has been developing knowledge together with the Indigenous group of the Tukano, from the “Rivers and Nets Project”, anthropologically addressing the indigenous concepts about the different senses of the society/nature relationship. Composing the team of indigenous and non-indigenous anthropological researches, we had the purpose of contributing with the psychosocial readings, showing the interrelationships between individual and social context. Our research was qualitative, utilizing: a) secondary data (transcriptions of symposiums, reports of activities and textual material produced during the project); b) written memories of the researchers teams formal group meetings; c) information from field journals, from informal conversations that happened between the team. Therefore, we build knowledge not like a participant researcher nor a distant observer, but like a researchers in the everyday that helped both in the construction of the anthropological discourse about the three Tukano concepts, and in the elaboration of the textual materials. The data was analyzed by content analysis. The first chapter will bring a discussion about the context of the Psychology research and Native people, both nationally and internationally. In the second chapter, it will be addressed the record of epistemologies of the psychology, that study the culture, as well as the fundamentals of the “Indigenous Psychologies”, and also of the Macro-cultural Psychology; the third chapter will present how the three concepts Kihti Ukuse, Bahsese and Bahsamori help the constitution of the Yepa Mahsã person, using the readings of the Macro Cultural Psychology; in the final considerations it will be addressed that the “psychosocial” element, inherent to the Yepa Mahsã, comprises social relationships that are established in different levels of existence, as well as a relation with the environment that isn’t inert, but alive and relational.

**Key-words:** Social Psychology; Native People; Everyday Researcher; Tukano.

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1.</b> Região habitada pelos povos Tukanos.....	12
---	----

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1.</b> Quantidade de trabalhos encontrados por descritores de busca.....	22
<b>Tabela 2.</b> Quantidade de trabalhos encontrados por descritores de busca nos contextos . internacionais	23
<b>Tabela 3.</b> Total de produções coletadas .....	24
<b>Tabela 4.</b> Países de origem das publicações e quantidade de produções.....	26
<b>Tabela 5.</b> Revistas e quantidade de trabalhos dos contextos internacionais.....	27
<b>Tabela 6.</b> Distribuição de trabalhos pelas áreas de estudo.....	29
<b>Tabela 7.</b> Distribuição dos trabalhos do contexto internacional pelas áreas de estudo .	31

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	5
<b>RESUMO</b> .....	6
<b>ABSTRACT</b> .....	7
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	8
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	8
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>Metodologia</b> .....	14
<b>CAPITULO I - PSICOLOGIA E POVOS INDÍGENAS: REVISÃO DE LITERATURA DE TRABALHOS NO CONTEXTO BRASILEIRO E INTERNACIONAL (2010-2015)</b> .....	19
<b>1.1. Introdução</b> .....	19
<b>1.2. Metodologia</b> .....	21
<b>1.3. Resultados e discussão</b> .....	24
<b>1.3.1. Revistas de publicação e local das produções</b> .....	24
<b>1.3.2. Áreas de Estudo e Aspectos metodológicos</b> .....	29
<b>1.3.3. Palavras-Chave</b> .....	33
<b>1.3.4. Discussão qualitativa de alguns trabalhos selecionados</b> .....	34
<b>1.4. Considerações finais</b> – .....	41
<b>CAPITULO II - PSICOLOGIA INDIGENA E PSICOLOGIA MACRO CULTURAL</b>	43
<b>2.1. Introdução</b> .....	43
<b>2.2. A aproximação entre Psicologia e Cultura</b> .....	44
<b>2.3. Breve histórico do surgimento da Psicologia Indígena</b> .....	49
<b>2.3. Psicologia Indígena e Psicologia Macro Cultural</b> .....	53
<b>2.3.1. Psicologia Indígena</b> .....	53
<b>2.3.4. Psicologia Macro Cultural</b> .....	57
<b>2.4. Conclusão</b> .....	61
<b>CAPITULO III – A PESSOA YEPMAHSA E A PSICOLOGIA MACROCULTURAL</b> .....	62
<b>3.1. Kihiti Ukuse</b> .....	64
<b>3.2. Bahsese</b> .....	67
<b>3.3. Bahsamori</b> .....	69
<b>3.4. Dialogos entre a cultura Yepmahsã e a Psicologia Macro Cultural: reflexões de Psicologia e Povos indígenas</b> .....	72
<b>3.5. Conclusão</b> .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	83



## INTRODUÇÃO

Na história dos povos indígenas do Brasil e sua interação com as sociedades ocidentais, pode-se observar relações de poder que viriam a mudar completamente os modos de vida desses povos. Tais relações foram marcadas por interesses de expansão econômica, religiosos e conquistas de terras, sendo utilizadas ações integracionistas e impositivas por parte dos colonos, da igreja e posteriormente pela República. Entretanto, esse quadro só mudou na década de 1970 e 1980 com as reivindicações dos movimentos indígenas, que denunciaram as relações de dominação e os direitos indígenas que foram historicamente negados pelo Estado. A partir de tais reivindicações, assegurou-se na constituição de 1988 os direitos sociais e individuais, a liberdade, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e os valores supremos de uma sociedade sem preconceito (ESTÁCIO, 2009; LUCIANO, 2006; MARCON, 2010; MILHOMEM, 2008).

Por outro lado, o surgimento da Psicologia enquanto disciplina se deu a partir das produções advindas das sociedades ocidentais, que traziam concepções acerca dos processos psicológicos tratados como universais e, enquanto tais, eram disseminados a vários outros contextos sociais. No contexto brasileiro, não diferente dos outros contextos das ex-colônias, tivemos forte influência dessa Psicologia hegemônica, não abarcando com efetividade ou nem abarcando a realidade das sociedades indígenas. Como afirma Ratner (2008), a Psicologia enquanto ciência ocidental e eurocêntrica, quando imposta a sociedades indígenas, nega a visão que as pessoas desse determinado contexto têm de si mesmo, sendo necessário respeitá-la.

Os estudos de Psicologia voltados aos povos indígenas no contexto brasileiro, mesmo crescendo gradativamente, ainda carecem de referenciais que possibilitem a compreensão de muitos processos psicológicos dentro de suas especificidades culturais. Portanto, se faz necessário a elaboração de Psicologias relevantes ao contexto que se propõem estudar, rompendo também com a dominância epistemológica puramente ocidental e eurocêntrica (CANILAO et al., 2015).

Nesse sentido, esta dissertação tem como intuito seguir a linha de se fazer Psicologias junto aos povos indígenas, que considere o repertório cultural e processos psicológicos que nesse contexto se manifestam. Este estudo foi realizado em conjunto com o Núcleo de estudo da Amazônia Indígena (NEAI), que é vinculado com o programa de pós-graduação de Antropologia Social da UFAM. O NEAI tem desenvolvido

pesquisas a partir do “projeto Rios e Redes”, na Comunidade São Domingo Sávio no Rio Tiquié (Alto Rio negro), junto ao grupo indígena dos Yepa Mahsã (Tukano), com o intuito de abordar antropologicamente as concepções indígenas sobre os diferentes sentidos da relação sociedade/natureza. Este projeto contava com uma equipe de antropólogos não indígenas e também indígenas, que faziam parte dos Yepa Mahsã e eram falantes da língua. A equipe continha também pesquisadores de outras áreas do conhecimento tais como engenheiros florestais, cartógrafos e também o pesquisador psicólogo – redator desta dissertação.

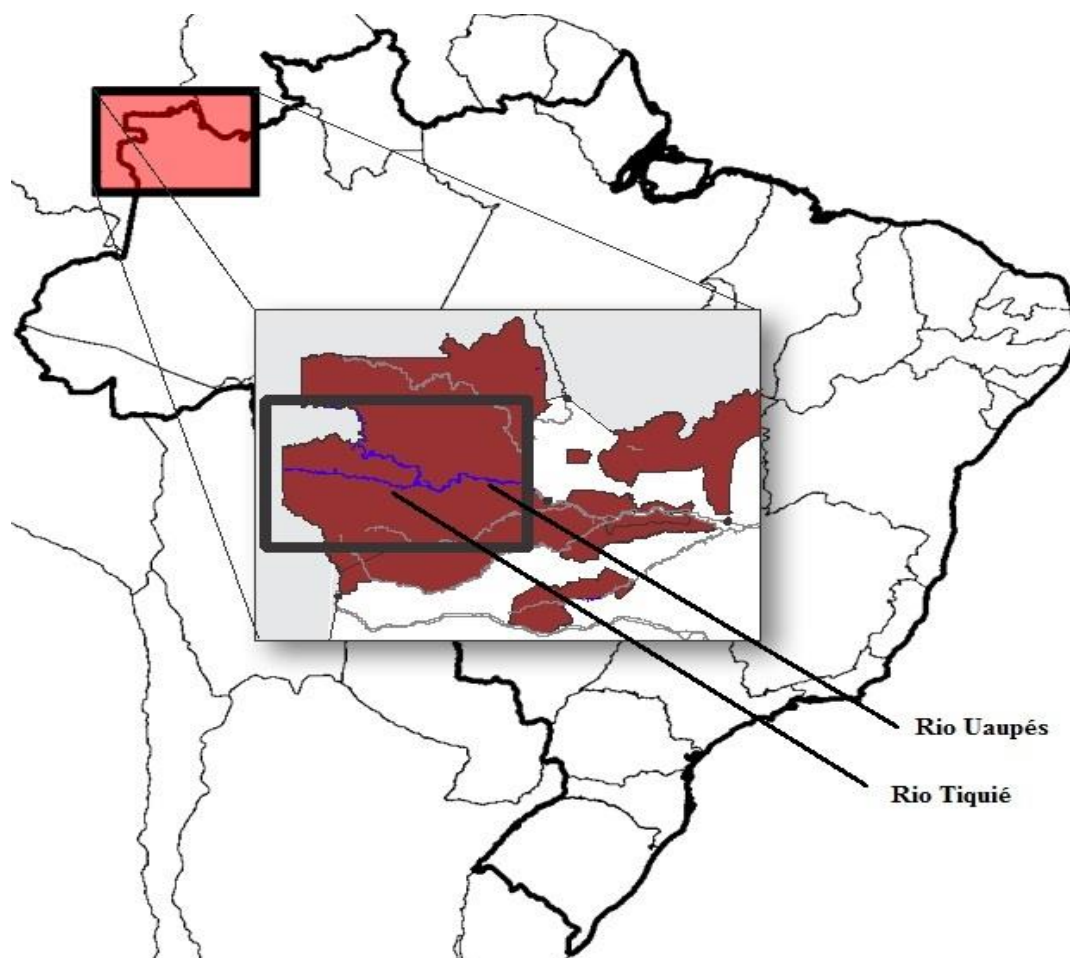
Para abordar tais concepções, os pesquisadores propuseram o Simpósio de Kumuã (pajés), que tinha como objetivo abordar o universo dos Yepa Mahsã da região do Rio Tiquié e de lauaraté para promover uma reflexividade acerca dos conceitos da filosofia Yepa Mahsã, implícitos no Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori – três conceitos que superficialmente podem ser traduzidos como benzimentos, cantorias e narrativas místicas desse povo. O simpósio foi um dos momentos do projeto Rios e Redes que permitiu que os próprios conhecedores indígenas fizessem um trabalho de reflexividade juntamente com a equipe de pesquisadores do NEAI. Dessa experiência, a equipe de pesquisa do NEAI começou o trabalho de construção de um discurso antropológico acerca dos conceitos apresentados, no intuito de uma maior compreensão desse “tripé”.

A partir desse trabalho de reflexividade do simpósio e também do processo de construção do discurso antropológico acerca dessas práticas culturais pela equipe de pesquisadores do NEAI, houve o interesse em articular juntamente com tais estudos as contribuições da Psicologia Macro Cultural. A partir desse referencial, propusemos uma análise psicossocial dessas práticas culturais do Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori, para compreender como eles estão presentes na pessoa Tukano. Lembrando que essas análises partiram do discurso antropológico construído pelos membros da equipe do projeto Rios e Redes.

Os Tukano ou Yepa Mahsã, como se autodenominam, são uma das 17 etnias que vivem as margens do Rio Uaupés, mais especificamente nas regiões do próprio Uaupés, e também nos rios Tiquié, Rio Negro e Papuri. Os Yepa Mahsã assim como as outras etnias cujas línguas fazem parte da família linguística do Tukano Oriental, consistem em sociedades patrilineares e exogâmicas. Desse modo estes fazem parte de uma ampla rede de trocas, incluindo casamentos, rituais e comércio (ISA, 2002; HUGH-JONES, 2007).

De acordo com o Instituto Socioambiental (2002) os Yepa Mahsã consistem na

etnia mais numerosa da família linguística Tukano Oriental, contabilizando 4.604 pessoas tanto localidades citadas, como também na cidade de São Gabriel da Cachoeira e Manaus.



**Fonte: Instituto Socioambiental**

**Figura 1. Região habitada pelos povos Tukanos.**

A pesquisa teve como objetivos gerais: Sistematizar e analisar os aspectos psicossociais dos discursos antropológicos construídos pela equipe de pesquisadores do Projeto Rios e Redes acerca do Bahse, Kihti Ukuse e Bahsamori. Os objetivos específicos foram: a) Levantar bibliografias e leituras acerca dos conceitos das práticas de Bahse , Kihti Ukuse e Bahsamori; b) Investigar os significados a respeito das práticas de Bahse , Kihti Ukuse e Bahsamori; c) Participar das atividades grupais junto aos pesquisadores do Projeto Rios e Redes; d) Sistematizar os dados secundários coletados no simpósio de Kumuã; e) Analisar os aspectos psicossociais dos discursos antropológicos construídos pela equipe de pesquisadores do Projeto Rios e Redes acerca do Bahse, Kihti Ukuse e Bahsamori..

. Estes são conceitos próprios da cultura dos povos indígenas Tukano, para ser mais específico dos Yepa Mahsã do alto Rio Negro, e superficialmente podem ser traduzidos respectivamente como o conjunto de narrativas míticas, benzimentos e também conjunto de rituais, festas, músicas e danças. Assim, nossa pretensão foi fazer uma análise desses três conceitos e compreender como estes influenciam na construção da pessoa Yepa Mahsã.

Para chegar a nosso escopo, partimos do arcabouço da Psicologia Macro Cultural, que de acordo com Ratner (2011) tem o propósito de estudar os processos psicológicos que se formam a partir da cultura global de determinada sociedade. Adaptando-a ao nosso contexto de pesquisa, podemos entender que esta abordagem teórica propõe estudar os povos indígenas com base na sua própria cultura e os processos psicológicos construídos por esta, configurando-se assim como uma Psicologia que visa uma horizontalidade cultural.

Nesse trabalho, no intuito de se minimizar o uso de categorias que possam vim a reduzir a compreensão da construção psicossocial dos Yepa Mahsã, será entendido aqui o ser humano a partir da categoria “pessoa”, segundo entendimento de Guareschi (2010). Para o autor, tal categoria traz diferenças substanciais quando comparada ao ser humano enquanto “indivíduo” ou “peça de máquina”. A categoria individual pressupõe os sentidos de indivisível em si mesmo, aquele não relacional e que não necessita de outros para sua definição e compreensão. Já a “peça de máquina” pressupõe a compreensão de ser humano como elemento de um todo totalitário, que nega as particularidades e compreende-o apenas como peças de um grande coletivo. Já o ser humano enquanto pessoa pressupõe que este é as relações, ou seja, constitui-se e é constituinte das vivências nas relações sociais. Esta concepção abarca efetivamente a condição ontológica humana, ao considerar que a pessoa se constrói a partir das relações sociais que estabelece com outros. Por essa concepção, o “social” é entendido como as relações vivenciadas pelas pessoas, não o reduzindo à soma de indivíduos ou à totalidade da máquina.

Torna-se importante ressaltar que esse trabalho não teve a pretensão de ser uma análise psicossocial do Yepa Mahsã em toda a sua integralidade. Procuramos, sim, compreender a pessoa Yepa Mahsã a partir dos três conceitos culturais, e os conteúdos contidos nestes que pudessem evidenciar esta a compreensão desta. Assim, ao estudar a cultura Yepa Mahsã e os três conceitos já citados, observamos que estes trazem importantes contribuições para o entendimento não só das manifestações culturais

humanas da pessoa Tukano, mas também para o entendimento do “social” Tukano. Como teremos a oportunidade de abordar mais adiante, a pessoa Tukano em seu meio social acontece por modos relacionais com a natureza, com outros patamares de existência e com outros tipos de seres humanos. Em suma, compreender a a pessoa Tukano necessariamente envolve o entendimento de diferentes sentidos da relação entre pessoas e das pessoas imersas na natureza. Portanto, trata-se de um “social” localizado no espaço e atravessado por outros planos existenciais.

## **Metodologia**

Esta pesquisa foi de cunho qualitativa. Para obtenção dos dados, utilizamos:

- a) dados secundários - as transcrições de simpósio, relatórios de atividades e demais materiais textuais produzidos durante o projeto;
- b) memórias escritas das reuniões grupais formais da equipe de pesquisadores;
- c) informações do diário de campo a partir das conversas informais que ocorreram entre a equipe.

Os materiais textuais produzidos durante o projeto referem-se aos relatórios de atividades, assim como as transcrições advindas dos áudios gerados no momento do simpósio realizado com os Kumuã (os velhos especialistas Yepa Mahsã). Assim como as produções textuais que tinham como objetivo fazer parte de um possível livro a respeito da cultura Yepa Mahsã. As memórias escritas das reuniões grupais formais da equipe de pesquisadores, por meio de relatórios, continham conhecimentos advindos das construções coletivas da equipe de pesquisadores acerca dos conceitos tukano. O diário de campo Nesse trazia informações das conversas informais que eventualmente ocorriam entre a equipe, assim como anotações a respeito do entendimento do pesquisador dos conceitos culturais a partir das leituras feitas. Esses foram momentos riquíssimos para construção do conhecimento. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), as produções textuais, assim como as expressões orais, se mostram como dados de análise igualmente importantes, pois estes do mesmo modo que a fala, também são expressões dos pensamentos, sentimentos e memórias daqueles que os elaboram.

De acordo com Freitas (1998) dentre os vários modos de obtenção de informações que possibilitam o desenvolvimento de uma pesquisa, há os registros de acontecimentos e ou episódios significativos, bem como encontros não programados (ou programados)

que acontecem no seio do grupo. Estes podem desvelar conteúdos importantes para análise do objeto que se propõe estudar. Assim sendo, nossa atuação no contexto dessa pesquisa se configurou não como um pesquisador participante nem observador distante, mas também como um membro da equipe do Projeto Rios e Redes. Auxiliando tanto na construção do discurso antropológico sobre os três conceitos Tukano quanto na elaboração dos materiais textuais. Isso caracterizou nossa atuação como pesquisador no cotidiano, na acepção de Spink (2007) e Spink (2008). Para ambos autores, o cotidiano é entendido como os fatos, cenas e trabalhos do dia a dia, que se mostram como importantes conteúdos para se refletir a vida em sociedade. Desse modo ao pesquisar inserido no cotidiano, o pesquisador passa a fazer parte das ações que se desdobram em espaços de convivência públicos ou não.

Nessa inserção, o papel do pesquisador torna-se flexível. No caso do projeto Rios e Redes, além de mestrando de processos psicossociais, também éramos membro do grupo de tal projeto. Assim era necessário atuar nas diferentes atribuições, tais como fazer parte das discussões, trabalhar em materiais textuais sobre as mesmas e auxiliar nas demais dinâmicas que o ambiente do local de trabalho demandava, tais como lavagem de louças, trabalhos burocráticos e organização e arrumação das salas. De acordo com Victorio Filho (2007), em meio a estas atribuições a interrogação dos sentidos dados à pesquisa nunca cessa, não havendo assim cisão do pesquisador de pesquisa.

Desse modo, para uma melhor compreensão do processo de coleta e análise dos dados, pode-se elencar três momentos: A participação durante as atividades cotidianas do NEAI; Participação nas reuniões grupais do projeto Rios e Redes a respeito da cultura Yepa Mahsã; A leitura dos materiais textuais.

A participação durante as atividades cotidianas, como já fora abordado anteriormente, dizia respeito ao convívio cotidiano no contexto NEAI, o qual além de mestrando de psicologia, o pesquisador era também membro da equipe dos pesquisadores do Projeto Rios e Redes, e também membro efetivo do NEAI que realizava atividades que ia além de bolsista do Projeto Rios e Redes. No cotidiano do NEAI, os membros realizavam as atividades que estavam acordadas no Projeto: elaboração de material textual; transcrições de falas; entre outras atividades cotidianas.

Desse modo as interações que ocorriam no seio relacional do cotidiano do NEAI, que em muitos momentos propiciavam conversas a respeito da própria cultura Yepa Mahsã, tanto com os colegas indígenas como com os colegas não indígenas. Nesses

momentos de interação surgia a oportunidade para se tirar dúvidas que surgissem a respeito do entendimento dos conceitos estudados, ou até mesmo aprofundar o entendimento destes conceitos.

As reuniões grupais, mesmo fazendo parte das atividades cotidianas do Projeto Rios e Redes, se estabelecia uma dinâmica mais formal e sistemática para a discussão dos assuntos referentes especificamente ao Projeto Rios e Redes. Desse modo consistiam em datas e pautas marcadas previamente. As pautas trabalhadas nas reuniões grupais, consistiam em informes mais gerais, e também as discussões mais específicas tais como: planejamento logístico do Projeto Rios e Redes; divisão de tarefas no projeto; discussão dos conceitos Yepa Mahsã. Portanto, no intuito de formalizar e sistematizar essas reuniões eram construídas as memórias das reuniões, essas memórias registravam de forma sucintas os assuntos tratados durante as reuniões.

As reuniões do Projeto Rios e Redes se mostraram como momentos de grande importância, estes propiciavam o diálogo entre os pesquisadores do projeto (indígenas e não indígenas), a respeito da cultura Yepa Mahsã e dos conceitos estudados. Esses momentos propiciavam grande aprendizado e também traziam importantes informações que davam indícios da pessoa Yepa Mahsã. O pesquisador que vos fala, nessas reuniões atuava geralmente como transcritor das memórias das reuniões o que permitia não só elaborar a memória da reunião conveniente ao Projeto, mas também registrar informações consideradas pertinentes à dissertação, no diário de campo. Essas informações eram referentes, aos significados e sentidos dados aos conceitos de Kihti Ukuse; Bahsese; e Bahsamori. Assim como discursos relacionados a ontologia Yepa Mahsã e sua interação com o entorno.

A leitura dos materiais textuais produzidos, consistia não só na leitura das dissertações de mestrado, artigos e livros a respeito da cultura Yepa Mahsã, mas também das memórias das reuniões, das falas dos velhos conhecedores da cultura Yepa Mahsã (Kumuã) transcritas e traduzidas do simpósio dos Kumuã, e dos dados coletados em diário de campo. Torna-se válido ressaltar que as informações do diário de campo não consistiam somente das informações conversadas durante as reuniões, mas também das conversas e dúvidas tiradas no cotidiano das atividades do NEAI, e também das análises parciais das transcrições.

De modo geral, os dados obtidos para coleta foi a partir dessa participação, enquanto membro de pesquisa do NEAI, tanto a partir das memórias da reuniões,

materiais textuais, como também a partir das conversas informais que ocorriam no dia a dia, informações essas que quando consideradas pertinentes ao objetivo da pesquisa eram anotadas no diário de campo. Portanto o exercício de se atuar como pesquisador no cotidiano, no contexto dessa pesquisa, partiu da convivência cotidiana, assim como estar sempre atento àquilo que pode vir a ser pertinente para a pesquisa de mestrado.

Todos os dados obtidos foram analisados por análise interpretativa (BAUER; GASKELL, 2002). Esta se mostrou efetiva pois permitiu, a partir das leituras do materiais textuais e também dos dados descritos em diário de campo, compreender os sentidos dos conceitos culturais estudados (Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori). De modo a compreender como estes interagem entre si para fundamentar a ontologia Yepa Mahsã, permitindo assim o diálogo com a Psicologia Macro Cultural. De acordo com Bauer e Gaskell (2002) a interpretação de textos desvela as complexidades que por sua vez trazem também ambiguidades e nuances da linguagem.

Seguimos todos os procedimentos éticos cabíveis às pesquisas envolvendo seres humanos, a partir da ótica das ciências humanas e sociais. Obtivemos aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM (50904615.8.0000.5020).

O percurso desta dissertação será o seguinte: no primeiro capítulo trará uma discussão a respeito do contexto das pesquisas de Psicologia e povos indígenas tanto em âmbito nacional quanto em âmbito internacional. Desse modo, o recorte dessa revisão de literatura fora realizado para elucidar as tendências de pesquisa de Psicologia e povos indígenas no Brasil e também em outros países; o segundo capítulo, será abordado a respeito do histórico das epistemologias de Psicologia que estudam as culturas como centrais para o entendimento dos processos psicológicos, assim como os fundamentos das “Psicologias Indígenas” e também da Psicologia Macro Cultural; o terceiro capítulo apresentará como os três conceitos Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori, auxiliam na compreensão psicossocial da pessoa Yepa Mahsã, dialogando com os pressupostos da Psicologia Macro Cultural; Por fim nas considerações finais será explicitado, que estes conceitos foram compreendidos como conceitos culturais e artefatos culturais, que fazem parte da vida da pessoa Yepa Mahsã, ao institucionalizar modos de se relacionar com os seus pares, com os seres Wai Mahsã, seus criadores, com os ambientes e com outros patamares de existência. Fundamentando assim, comportamentos, percepções a respeito do entorno, a sua autopercepção, sentimentos, e modos de agenciar a sua realidade. Trazendo também a ideia de “Psicossocial” que considera que essas relações vão além



da relação interpessoal, mas também com outros patamares de existência, e com um ambiente que não é inerte e sim relacional.

## **CAPITULO I - PSICOLOGIA E POVOS INDÍGENAS: REVISÃO DE LITERATURA DE TRABALHOS NO CONTEXTO BRASILEIRO E INTERNACIONAL (2010-2015)**

### **1.1. Introdução**

O surgimento da Psicologia, enquanto disciplina e científica moderna, se deu a partir das produções advindas das sociedades ocidentais do final do século XIX, trazendo concepções universalistas dos processos psicológicos e disseminadas enquanto tais a vários outros contextos sociais. No entanto, em anos mais recentes se busca olhar a cultura para compreender tais processos, acordo com os aspectos culturais, sociais e históricos inerentes a cada sociedade, o que contesta o aspecto universal do psiquismo e de teorias dominantes a esse respeito.

No caso de estudos envolvendo pessoas pertencentes a sociedades indígenas, é comum se encontrar uma tentativa de compreender a relação dos indígenas com a sociedade envolvente. Nessas leituras, observa-se a exploração dos povos indígenas e as tentativas de suprimir toda uma bagagem cultural, a partir da imposição das ideologias hegemônicas e eurocêntricas.

A produção da Psicologia brasileira ainda é relativamente nova nos estudos juntos aos povos indígenas. Entretanto o uso do crivo da Psicologia frente a esses povos, para validar discursos discriminatórios e colonizadores, foi suficiente para fazer com que os povos indígenas tivessem receio dessa disciplina científica. Foi o caso do capítulo “Observações sobre a Psicologia do índio”, na obra do Padre Alcionilio **Bruzzi** Alves da Silva (1962), que teve grande impacto para os povos que viviam nas proximidades do Rio Uaupés. Esse livro foi de grande relevância não só para comunidade científica, mas também para os missionários da época, pois servia como um tipo de manual que contextualizava aqueles que pretendiam ter contato com os povos indígenas acerca de seus costumes, hábitos e crenças.

Lendo o capítulo de Silva (1962), percebemos ideias discriminatórias, racistas e preconceituosas a partir das observações pessoais do autor, que em nada dizia da cultura indígena local. O autor apresentava como traços psicológicos característicos das pessoas indígenas algumas categorias (ex: inconstância, indolência, timidez, vida sentimental, vingança, entre outros) que expressavam ideia de inferioridade, selvageria e reduzia a imagem desses povos ao exotismo.

O impacto dessa obra foi grande naquela região para os próprios indígenas, pois sob o título de Psicologia, as ideias de Silva (1962) foram difundidas e ressaltaram a inferiorização e discriminação advindo de pressupostos ocidentais, que influenciaram o modo como os indígenas eram vistos e percebidos. Esse exemplo mostra como obras com o título de Psicologia podem ser um grande desserviço à ciência e aos povos aos quais ela se refere.

Desse modo é importante pontuar que as ideias advindas da Psicologia ocidental eurocêntrica, não diferente dos outros contextos das ex-colônias, tiveram grande influência na ciência psicológica brasileira, que reverberou também nos próprios povos indígenas e nas formas de ver tais povos. De acordo com Guimarães (2016), a Psicologia em suas abordagens mais clássicas era pautada em ideias etnocêntricas, próprias de um determinado tempo e também lugar, . Esse pode ter sido um dos fatores principais para que a Psicologia brasileira não se preocupasse com os povos indígenas até meado dos anos 1980.

A Psicologia brasileira gradativamente tem produzido trabalhos que rompem com tais pressupostos e se aproximam dos povos indígenas, de modo a respeitar todo o seu repertório cultural e com o cuidado de não submeter estes a categorias eurocêntricas. De acordo com Vitale e Grubits (2009), as primeiras produções brasileiras com as palavras “Psicologia” e “índio” ou “indígena” datam de 1980, passando a serem mais recorrentes na década de 1990 e, principalmente, a partir de 2000 em diante. Esse crescimento de produções em Psicologia junto aos povos indígenas, ainda que modesto, permitiu que em meados de 2004 a classe de psicólogos passasse a discutir até no âmbito da profissão de que modo essa ciência poderia alcançar esses povos e poderia assim ser útil para estes. Um ponto central constantemente reforçado foi a importância da transdisciplinaridade para o trabalho do psicólogo com povos indígenas (TEIXIERA, 2010; BERNI, 2010).

A partir desse panorama e com o intuito de mapear as produções da Psicologia e povos indígenas, compreender o contexto das produções já existentes e encontrar novos modos de se articular a Psicologia para beneficiar tais povos, esse capítulo traz revisão bibliográfica das produções nacionais e internacionais sobre essa temática. Espera-se com isso ter um vislumbre de como andam as produções brasileiras e internacionais em anos mais recentes, assim como observar as principais diferenças, semelhanças e inovações que ambos os contextos trazem nos estudos de Psicologia e povos indígenas.

## 1.2. Metodologia

A revisão bibliográfica teve o intuito de vislumbrar o estado das produções científicas de Psicologia e povos indígenas tanto no contexto brasileiro como nos contextos internacional, disponíveis na plataforma de periódicos CAPES/MEC dentro do recorte temporal de 2010 a 2015. Ressaltamos que essa revisão não tem como proposta e pretensão apresentar o contexto das produções nacionais e internacionais como um todo, mas sim apenas um pequeno recorte que possa ilustrar ambos. É importante mencionar que aqui nesse estudo o que está se considerando como contexto nacional são os trabalhos advindos de meios de publicação brasileiros, enquanto que contexto internacional está se considerando os trabalhos advindos de meios de publicação de outros países.

O procedimento de levantamento e coleta desses trabalhos, se deu a partir das seguintes etapas: a) busca na plataforma; b) leitura dos resumos e palavras-chave; c) download de artigos selecionados conforme ano de publicação, que deveria estar dentro do recorte temporal (2010-2015), as produções tinham que ser de revistas direcionadas a psicologia, e os trabalhos deveriam conter em seus resumos os descritores de procura ou deveriam abordar a temática indígena e Psicologia, os trabalhos do contexto nacional deveriam estar em português, enquanto que os trabalhos dos contextos internacionais deveriam estar em inglês; d) armazenamento em banco de dados; e) organização dos artigos coletados em tabela do excel, conforme categorização dada a eles.

Desse modo, para delinear o contexto atual das produções nacionais na plataforma, fora configurado os filtros de busca para apresentar os trabalhos em ordem de “mais relevantes”, utilizando os descritores “*Psicologia*” + “*Indígena*”. Dessa primeira busca foi obtido um primeiro resultado de 73 produções que datavam dos anos 2000 até 2015. Todavia, ao refinar a busca configurando o recorte de 2010 a 2015, e para procurar trabalhos “revisados por pares”, a busca caiu para 45. Notou-se que o resultado de busca trazia trabalhos nos idiomas espanhol, inglês e português, assim fora especificado no filtro de busca trabalhos somente no idioma português, restando 19 trabalhos. Nessa primeira busca dos 19 trabalhos encontrados, 13 foram utilizados no estudo. Os 6 restantes ora tratavam-se de pesquisas em Psicologia, porém não envolvendo indígenas, ora eram trabalhos com povos indígenas que não tinham relação alguma com a Psicologia.

Nas buscas seguintes, no intuito de conseguir mais resultados foram utilizados os mesmos filtros, porém com os descritores diferentes tais como “*Psicologia*” + “*Etnia*”,

tendo como resultado 17 trabalhos. Dentre estes, apenas um tinha a ver com povos indígenas, e este por sua vez já havia constado na busca anterior. Os restantes tratavam-se de trabalhos que discutiam questões raciais, o qual nenhum deles tratavam de povos indígenas. Outro descritor utilizado foi “*Psicologia*” + “*Ameríndios*”, o qual o resultado foi apenas 1 trabalho, que entrou para o banco de dados do estudo.

Na última busca realizada fora utilizado os descritores “*Psicologia*” + “*índio*”, porém o resultado desta última foi de um trabalho que já havia constado na primeira busca. Tentou-se outros descritores utilizando os mesmos filtros de busca, tais como “*povos tradicionais*”+ “*Psicologia*”; “*Povos nativos*” + “*Psicologia*”; e “*povos originários*” + “*Psicologia*”. Entretanto nenhum desses descritores deram resultado. Desse modo, ao final das buscas pelos trabalhos para revisão bibliográfica dentro do contexto brasileiro fora contabilizado um total de 14 trabalhos, que consistem em 10 artigos, 3 dissertações de mestrado e 1 tese de doutorado, ressaltando que tal escolha foi feita a partir de uma primeira lida no resumo.

**Tabela 1.** Quantidade de trabalhos encontrados por descritores de busca

<b>Descritores de busca</b>	<b>Nº de Produções</b>
Psicologia + Indígena	13
Psicologia + Ameríndios	1
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>

No levantamento dos trabalhos realizados em contexto internacional também foi dado recorte temporal de 2010 a 2015, com os mesmos filtros de busca. Porém, por se tratar de um contexto bem mais amplo que o contexto brasileiro, para tornar viável a revisão optamos por focar apenas nas revistas tivessem o termo “*Psychology*”. Torna-se importante pontuar também que mesmo com esse critério surgiram trabalhos publicados em revistas de Psicologia que não traziam tal termo. Desse modo, algumas dessas produções foram adicionadas ao banco de estudo como exceção, por se tratarem de trabalhos cujos conteúdos pareciam pertinentes a busca.

Nessa nova busca utilizou-se como descritores “*Psychology*” + “*Indigenous*”, fazendo uma primeira tentativa sem filtros de busca houve a ocorrência de 2.252 trabalhos que datavam de 1975 até 2015. A partir do recorte temporal de 2010 a 2015, foram 1.195 produções. Direcionou-se a busca para aquelas em idioma inglês, “mais relevantes” e trabalhos “revisados por pares”, diminuiu para 1.128 trabalhos.

Utilizando o critério de exclusão por revistas, o resultado da busca caiu consideravelmente para 265 trabalhos, sendo que mesmo com os filtros para direcionar a busca para certas revistas, ainda houve a ocorrência de trabalhos que não se encaixavam nas especificidades requeridas: ora apareciam trabalhos que não estavam relacionados com a Psicologia, ora a revista de publicação não era voltada diretamente à Psicologia. Outro entrave encontrado durante o levantamento dos trabalhos é relativo a trabalhos que se enquadravam nos critérios de busca, entretanto não podiam ser acessados. Dessa pesquisa, foram coletados 101 trabalhos para se utilizar no estudo.

Fazendo uma segunda busca dessa vez utilizando os descritores “*Indigenous population*” + “*Psychology*”, o resultado obtido foi 39, entretanto apenas 12 pareciam ter alguma relação com o tema de fato e não constavam na primeira busca. Na terceira tentativa de busca utilizando os descritores “*traditional communities*” + “*Psychology*” foram encontradas 213 produções, entretanto por conta dos critérios de exclusão foram utilizados somente 12. Na quarta busca utilizando agora os descritores “Tribal” + “*Psychology*” houve como resultado 138 produções, dessa foram utilizadas somente 9 também por conta dos critérios de exclusão.

Também foram realizadas pesquisas utilizando os descritores “*Ethnic*” + “*Psychology*”, porém mesmo com os critérios de busca, os resultados foram muito altos por conta do termo “Ethnic” abarcar uma vasta área de estudos, podendo estar relacionados com as demandas indígenas, como também as demandas etno-raciais. Portanto, como a ideia dessa revisão é focar nos estudos direcionado a temática indígena em Psicologia, ressaltando também que se trata de um estudo de um pequeno recorte e não do contexto internacional como um todo, fora escolhido não focar esse descritor.

**Tabela 2.** Quantidade de trabalhos encontrados por descritores de busca nos contextos internacionais

<b>Descritores de Busca</b>	<b>Nº de Produções</b>
Indigenous Psychology	101
Indigenous population	12
Traditional communities	12
Tribal psychology	9
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

Em suma, essa revisão do contexto internacional foi realizada a com 134 artigos. Juntando ambos os contextos de estudo, contabilizamos 148 trabalhos. Para a discussão

qualitativa foram utilizados 21 trabalhos, utilizando 7 trabalhos do contexto nacional e 14 trabalhos do contexto internacional.

**Tabela 3.** Total de produções coletadas

<b>Produções Coletadas</b>	<b>Quantidade</b>
Produções Internacionais	134
Produções Nacionais	14
<b>TOTAL</b>	<b>148</b>

A escolha dos trabalhos que fizemos para da discussão qualitativa foi feita a partir do caráter das pesquisas: qualitativas, teóricas, quantitativas e quali/quantitativa. Utilizamos esse critério de modo que na identificação das temáticas houvesse exemplares de cada tipo de pesquisa para análise. Feita essa primeira seleção, lemos os resumos, palavras-chave e também os próprios trabalhos na íntegra. Agrupamos os trabalhos em temáticas, sendo importante ressaltar que estas tinham como objetivo dar uma visualização dos trabalhos produzidos em cada contexto.

Nos trabalhos do contexto nacional identificamos as temáticas: *a) indígenas e saúde; b) Psicologia analítica e a cultura indígena; c) indígenas e o Urbano; d) indígenas e Educação.* No contexto internacional identificamos as temáticas: *a) relações familiares e indígenas; b) prevenção e saúde mental indígena; c) discussões de Psicologia indígena; d) abordagens indígenas e aconselhamento psicológico; e) comparações transculturais.*

### **1.3. Resultados e discussão**

#### **1.3.1. Revistas de publicação e local das produções**

Os trabalhos coletados em ambos os contextos nacional e internacional nos evidenciam não só os aspectos divergentes, mas também convergentes nos modos de fazer pesquisa com os povos indígenas e de conceber a ideia de sociedades indígenas. As produções do contexto nacional consistiram em 10 artigos e 4 trabalhos de pós-graduação (3 de mestrado e 1 de doutorado) distribuídos entre as regiões do Brasil: Sudeste (5 trabalhos); Centro-oeste (4 trabalhos); Sul (3 trabalhos); Nordeste (1 trabalho); Norte (1 trabalho). Os 10 artigos foram publicados nas revistas *Psicologia e Sociedade* (6), *Revista Educação* (1), *Revista de Estudo e Pesquisa em Psicologia* (1) e na *Revista Psicologia: Ciência e Profissão* (2). Enquanto que os 4 trabalhos de pós-graduação foram realizados

no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Programas de Estudo Pós-graduados em Psicologia Clínica, Núcleo de Estudos Junguianos e o Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Observa-se que dos 14 trabalhos levantados, boa parte se encontram nas regiões sudeste e centro-oeste do Brasil, enquanto que na região norte que apresenta uma grande quantidade de população indígena apenas um trabalho. A partir de dados do censo do IBGE (2010), o número da população autodeclarada indígena na região norte é de 305.873, na região nordeste é de 208.691, na região sudeste é de 97.960, na região sul é de 74.945, na região centro-oeste é de 130.494. De acordo ainda com esses dados, o Amazonas é o estado com o maior número de autodeclarados indígenas (168.680) na região norte (ISA, 2010). Essa carência de produções de Psicologia e povos indígenas na região norte também foi constatado no estudo Vitale e Grubits (2009), autoras do centro-oeste, cuja região apresentou apenas uma única produção.

Pode-se elencar três aspectos que podem ter influenciado esse cenário: 1) traços da depreciação historicamente construída acerca dos povos indígenas, dos caboclos e da cultura da floresta; 2) as discussões acerca de Psicologia voltada a povos indígenas ainda são muitos recentes; 3) a formação dos profissionais em Psicologia na região norte, em especial do estado do Amazonas, não problematizar a necessidade de se pensar em epistemologias que alcancem as realidades indígenas. Esse último aspecto é corroborado por Guimarães (2016), que firma que os desafios que a Psicologia em frente ao alcançar efetivamente os povos indígenas referem-se à especificidade do campo de atuação, como também a escassa oportunidade que os estudantes da graduação têm em realizar atividades ou entrar em contato com as sociedades indígenas.

Os dados relacionados às revistas indicam que boa parte dos trabalhos foram publicados na revista Psicologia e sociedade, explicitando que os trabalhos de Psicologia junto aos povos indígenas, estão vinculados a uma visão social da Psicologia que se fundamenta em uma postura crítica e interdisciplinar.

No contexto das produções internacionais há grande quantidade de trabalhos, como já indicamos acima. O grande número de produções já traz uma diferença significativa em relação ao contexto das produções brasileiras. Em nosso país, mesmo crescendo gradativamente ainda são poucas produções, enquanto que no contexto internacional há uma tendência consolidada de produção de “Psicologias Indígenas”, que



será abordado mais à frente.

Como já mencionado anteriormente, encontramos 134 artigos advindos de 28 países. Dessas produções, pôde-se constatar 19 trabalhos publicados por apenas um país e trabalhos publicados a partir de parcerias de dois ou mais países. Na Tabela 4 podemos visualizar o quantitativo de produções por países e por parceria entre países.

**Tabela 4.** Países de origem das publicações e quantidade de produções

<b>Países</b>	<b>TOTAL</b>
Estados Unidos	50
Parceria entre países	23
Austrália	20
China	11
Índia	5
Nova Zelândia	5
Africa do Sul	4
Bolívia	2
Canadá	2
Chile	2
Indonésia	2
Alemanha	1
Austria	1
Argentina	1
Brasil	1
Camarões	1
Filipinas	1
Ghana	1
Turquia	1
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

De acordo com a tabela 4, pode-se constatar boa parte das produções advindas foram dos Estados Unidos (50), Austrália (20) e China (11). Pode-se observar que dentre os trabalhos coletados, há aqueles que foram realizados com a parceria entre países (23), podendo assim destacar que na maioria desses trabalhos também houve uma prevalência de parcerias de variados países com os EUA.

Os trabalhos estão distribuídos entre 53 revistas científicas voltadas as áreas de estudo da Psicologia. Na Tabela 5 é possível visualizar as revistas e quantidade de trabalhos publicados em cada uma.

**Tabela 5.** Revistas e quantidade de trabalhos dos contextos internacionais

<b>REVISTAS</b>	<b>QTD</b>
American Journal of Community Psychology	14
Journal of crosscultural Psychology	9
Culture and Psychology	7
Asian Journal of Social Psychology	6
School Psychology International	6
Pastoral Psychology	5
The Counseling Psychologist	5
Australian Psychological Society	4
Journal of Community and Applied Social Psychology	4
Journal of community Psychology	4
Journal of counseling Psychology	4
Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology	3
Developmental Psychology	3
Journal of Counselling and Development	3
Personality and Social Psychology Bulletin	3
Journal of Personality and Social Psychology	3
Journal for the theory of social Behavior	3
Peace and Conflict Journal of Peace Psychology	3
British journal of Social Psychology	2
Counselling Psychology Quarterly	2
Clinical child psychology and psychiatry	2
Frontiers in Psychology	2
International Journal of Psychology	2
Journal of Black psychology	2
Psychology and Developing Societies	2
Psychotherapy and Politics International	2
Review of general Psychology	2
Social Behavior and Personality	2
African Journal of Psychology	1
American Psychologist	1
Contemporary Family Therapy	1
Hispanic Journal of Behavioral Sciences	1
International Journal for the Advanced Counselling	1
Journal of applied social Psychology	1
Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology	1
Journal of Family issues	1
Journal of family psychology	1
Journal of Groupa Dynamics	1
Journal of Health Psychology	1
Journal of Humanistic Psychology	1
Journal of Mental Health and Counselling	1
Journal of Pacific Rim Psychology	1
Journal of Theoretical and Philosophical Psychology	1
National Academy of Psychology	1
Perspectives on Psychological Science	1
Psychology in the school	1
Psychology Studies	1
Psychology of Woman Quarterly	1
Social Psychology of Education	1
Suicide and life-threatening Behavior	1
The Annual Review of Clinical Psychology	1
The International Journal of the Psychology of Religion	1
The Journal of General Psychology	1
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

Observa-se que os Estados Unidos foi o país que mais publicou trabalhos de Psicologia voltados a temática “Indígena”, tanto individualmente quanto em parceria. Pode-se levantar a hipótese de que isto não seja só por conta de um dos critérios de busca ter sido de “trabalhos somente em inglês”. Os povos indígenas norte-americanos, que não diferem dos indígenas brasileiros, australianos, neozelandeses, entre outros, também sofreram com a opressão cultural que desestruturou as suas dinâmicas comunitárias, seus modos de vida e seus valores. Assim, estes povos enfrentam estereótipos discriminatórios, conflitos entre os saberes indígenas e não indígenas e também problemas relacionados a alcoolismo e aos casos de suicídio tanto com adultos como em jovens (KENYON; CARTER, 2011; GONE; TIMBLE, 2011). Desse modo, pesquisas voltadas a essas questões buscam articular estratégias fundamentadas na cultura desses povos, de modo que estas problemáticas possam ser diminuídas ou sanadas (ALLEN *et al.*, 2014; HARTMANN; GONE, 2012; MOHATT *et al.*, 2012). A respeito das produções realizadas em parceria, podem estar relacionadas tanto diversidade étnica da população norte-americana como também acerca de uma tendência consolidada de estudos transculturais no contexto do país. E, é claro, o fato de haver maior investimento em pesquisas e publicações naquele país do que no Brasil, por exemplo.

Torna-se importante comentar também a respeito da ocorrência de trabalhos brasileiros no contexto internacional. Tais trabalhos não constaram na busca em português por estarem publicados somente em revistas estrangeiras. Um exemplo é o trabalho de Guimarães (2011), da Universidade de São Paulo, que propõe o diálogo entre a Psicologia e a Antropologia, articulando a teoria do perspectivismo ameríndio e a Psicologia semiótico-cultural no intuito de compreender as relações “Eu-Outro”. Nos trabalhos em parceria com outros países, encontramos as publicações de Ferreira *et al.* (2012) e Smith *et al.* (2014), que consistem em estudos acerca do “jeitinho brasileiro”, enquanto um fenômeno psicológico próprio da cultura brasileira. O primeiro artigo estudou tão somente o fenômeno psicológico e a parceria foi entre os pesquisadores da Universidade Salgado de Oliveira no Rio de Janeiro, a Universidade de Brasília e a Universidade de Wellington na Nova Zelândia. O segundo artigo consistia em um estudo comparativo entre o “jeitinho brasileiro” com os fenômenos psicológicos “guanxi” das culturas chinesas, “wasta” das nações árabicas e o “pulling strings” das nações do Reino Unido. Estes são considerados como processos de influência informal próprios das respectivas culturas. Esse trabalho foi realizado em parceria com os pesquisadores da

Universidade de Brasília, Universidade de Sussex na Inglaterra e a Universidade Beirut no Líbano.

No que diz respeito às revistas que os trabalhos foram publicados, observa-se que não houve uma revista mais privilegiada para publicações, porém chama atenção as que tiveram uma publicação relativamente maior foram a *American Journal of Community Psychology* (14) e o *Journal of Crosscultural Psychology* (9). Essas informações podem sugerir para uma das características das produções internacionais: trabalhos voltados a comunidades, para auxiliar na resolução de demandas comunitárias; trabalhos voltados a estudos comparativos entre aspectos culturais de diferentes sociedades.

### 1.3.2. Áreas de Estudo e Aspectos metodológicos

A respeito das áreas de estudo da Psicologia identificada nos trabalhos publicados em contexto nacional, podemos observar a Tabela 6. Como se nota, as produções brasileiras de Psicologia e povos indígenas em sua maioria estavam relacionadas à Psicologia Social. É importante ressaltar que as áreas de estudo em ambos os contextos foram identificadas a partir da área da revista e a partir do enfoque teórico metodológico dos trabalhos.

**Tabela 6.** Distribuição de trabalhos pelas áreas de estudo

<b>Áreas de estudo</b>	<b>QTD</b>
Psicologia Social	8
Psicologia Clínica	3
Psicologia do desenvolvimento	1
Psicologia da saúde	1
Psicologia das Culturas	1
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>

Em relação ao tipo de artigo, 12 trabalhos consistiam em pesquisas qualitativas, enquanto que apenas dois consistiam em ensaios teóricos. A temática que as produções trabalhavam variaram bastante, sendo possível observar que alguns consistiam em compreender os sentidos, simbolismos e representações que os indígenas atribuíam a diferentes aspectos sociais ou fenômenos psicológicos. Outros focavam a interação com o contexto urbano, concepções e representações acerca de saúde mental, luto, suicídio, uso abusivo de substâncias, assim como aspectos indenitários. GRUBITS *et al.*, 2011;

STOCK, 2010; FONSECA, 2013; VIANNA *et al.*, 2012; MARQUES *et al.*, 2015)

Os aportes teóricos utilizados nos trabalhos também variaram, identificando-se que muitos propuseram estudar os povos indígenas a partir de uma visão psicanalítica ou psicossociológica (SÁ, 2011; OLIVEIRA 2012; MACIEL *et al.*, 2012). Outros trabalhos utilizavam-se também de leituras etnográficas e antropológicas, filosóficas, perspectiva transcultural (JESUS, 2010; STOCK; FONSECA, 2013; MARQUES *et al.*, 2015). Em um único caso houve uso dos pressupostos da *Psicologia indígena* (VIANNA *et al.*, 2012) – campo que mais adiante explicaremos do que se trata.

Acerca dos aspectos metodológicos, tais como tipos de pesquisa e métodos de coleta e análise, foi observado que todas pesquisas são de caráter qualitativo e teórico, variando entre revisões bibliográficas, documentais e descritivo-exploratória, pesquisa intervenção. Nos métodos de coleta foi quase unânime o uso de questionários e entrevistas semiestruturadas, sendo identificados também trabalhos que utilizavam de materiais gerados em encontros terapêuticos, escutas clínicas, observação participante e diários de campo. As análises de modo geral variaram entre interpretações psicanalíticas, análises de conteúdo e análise do discurso, sendo também utilizados softwares para auxiliar na análise dos discursos (JESUS, 2010; GRUBITS *et al.*, 2011; BRAGA; CAMPOS, 2012; VIANNA *et al.*, 2012; SÁ, 2011; OLIVEIRA 2012; MACIEL *et al.*, 2012; STOCK, 2010; FONSECA, 2013; DELMONDEZ; PULINO, 2014; MARQUES *et al.*, 2015).

Nos estudos levantados, notamos que nem todos especificaram com quais sociedades indígenas trabalharam. Isso se deu porque alguns trabalhos consistiam em pesquisas com sociedades indígenas e culturas específicas, enquanto que outros tinham como proposta articular a temática indígena de modo mais geral, a partir dos trabalhos teóricos. Dos trabalhos que consistiam em estudos direto com um povoado indígena, pôde-se destacar estudos com os seguintes grupos: Kaingang, Caiapó, Karitiana e Guarani Mbyá e Kaiowá.

De modo geral, tais dados indicam que no contexto brasileiro os trabalhos em Psicologia realizados junto aos povos indígenas tendem a ser teórico-qualitativos e sob o prisma da Psicologia Social. Distanciam-se, portanto, das tradições exteriores transculturais que muitas das vezes estudavam e/ou estudam a cultura de povos nativos se utilizando tão somente métodos estatísticos ou uma abordagem multimétodo. Segundo Spering (2001), a Psicologia Transcultural está intimamente alicerçada nas tradições ocidentais do pensamento euro-americano.

No contexto internacional, as áreas de estudo identificadas e a quantidade de trabalhos podem ser observadas na Tabela 7.

**Tabela 7.** Distribuição dos trabalhos do contexto internacional pelas áreas de estudo

<b>Áreas de estudo</b>	<b>QTD</b>
Psicologias da cultura	40
Psicologia social	26
Psicologia Clínica	21
Psicologia comunitária	21
Psicologia educacional	7
Psicologia da religião	6
Psicologia do desenvolvimento	4
Psicologia familiar	4
Psicologia da saúde	2
Psicologia política	1
Psicologia vocacional	1
Psicologia Crítica	1
<b>TOTAL</b>	<b>134</b>

Dentre os trabalhos encontrados no contexto internacional, chama atenção grande quantidade de produções nas áreas de estudo das Psicologias da Cultura, que segundo Greenfield (2000) são três e que resguardam diferenças entre si: Psicologia Cultural, Psicologia transcultural e Psicologia Indígena. De acordo com Spring (2001), a Psicologia transcultural geralmente postula que a cultura é uma variável que antecede a pessoa e que se encontra externo da pessoa. A Psicologia cultural entende a cultura como intrínseca à pessoa. A Psicologia Indígena compreende a cultura como um sistema de significados subjetivamente construídos, utilizando as teorias populares de determinada sociedade acerca de funcionamentos psicológicos e as formaliza em teorias psicológicas. Valoriza, portanto, os discursos, sentidos e crenças daqueles que vivenciam determinada cultura. O termo “Indígena” é empregado para designar grupos nativos, étnicos e culturais, incluindo também grupos em países em desenvolvimento econômico (KIM et al., 2006).

Os estudos no contexto internacional tiveram variados focos de estudos: compreender os significados, sentidos e representações sociais de determinados grupos indígenas; compreender os processos psicológicos que partem de determinada figuração étnica, tal como tristeza, relação parental, bem-estar; trabalhos voltados à promoção e

prevenção de saúde em geral (física e mental); trabalhos comparativos de fenômenos psicológicos entre povos indígenas e não indígenas; trabalhos acerca da interação de pessoas indígenas em espaços urbanos; psicoterapia voltada a povos indígenas; ensaios teóricos a respeito de Psicologias contextualizadas, Psicologia Indígena, conceitos Psicossociológicos; estudos voltados a fenômenos psicológicos a partir de contextos culturais urbanos. (VAUGHAN *et al.*, 2015; LASSE *et al.*, 2011; GONE; TRIMBLE, 2011; LEO *et al.*, 2012; OJELADE *et al.*, 2014; GOODKING *et al.* 2012; KENYON; CARTER, 2011; SOMMERS *et al.*, 2012; HWANG, 2010; WAGNER, 2013; KUO, HSU; LAI, 2011; SMITH *et al.*, 2012; MITCHELL *et al.*, 2011).

Acerca do aporte teórico utilizado, pode-se afirmar que foram utilizadas variados pressupostos teóricos: Psicologia Indígena, Psicologia transcultural, Psicologia cultural, Psicologia social, teorias sobre intervenção comunitária, teorias da personalidade, teorias sociológicas, psicanálise, teorias psicopatológicas, relações familiares, psiquiatria, teorias relacionadas à saúde mental, teorias raciais, desenvolvimento infantil, fenomenologia, suicídio, teorias antropológicas, Psicologia da religião, confucionismo, etnografia, Psicologia da libertação e teorias de gênero.

Sobre os aspectos metodológicos dos trabalhos, detectamos pesquisas de caráter qualitativo (35), quantitativo (41), quali/quantitativo (12) e teórico (46). Estes trabalhos variavam bastante entre: pesquisas descritivas exploratórias, relatos de caso, testagens psicométricas, revisões teóricas, ensaios teóricos, estudos de caso, revisões históricas, estudos comparativos, experimentos laboratoriais, revisões bibliográficas, estudos de caso, pesquisa participante, pesquisa ação participante, pesquisa documental e pesquisa estatística descritiva. Os métodos de coleta utilizados foram os questionários, utilização de estímulos fotográficos, método “bola de neve”, visitas de aconselhamento, conversas informais, diários de campo, oficinas, grupos focais, inventários, entrevistas semiestruturadas, entrevistas fechadas, utilização de escalas, utilização de dados secundários, conversas informais e diários de campo, análise de frequência. Os métodos de análise utilizados variaram entre análises do discurso, análise hermenêutica, análise de conteúdo, análise regressiva, análises estatísticas com utilização de softwares estatísticos, análise temática e hermenêutica, análise de agrupamento hierárquico.

A partir dessas informações pode-se fazer considerações importantes acerca das tendências de fazer pesquisa em ambos os contextos, tendências essas que ora se assemelham ora se diferenciam. No contexto brasileiro não houve nenhum trabalho de

natureza quantitativa, valorizando-se trabalhos de teor sócio-comunitário e reflexivo das relações dos povos indígenas brasileiros com o meio urbano. Outro ponto importante acerca do contexto brasileiro é que todos os trabalhos de Psicologia e povos indígenas têm como foco as sociedades nativas brasileiras. No contexto das produções dos outros países, a concepção de uma Psicologia Indígena diz respeito não só a trabalhos de Psicologia voltados a priori a povos nativos e grupos étnicos, mas sim uma concepção que se estende a todas as sociedades humanas. Tal diferenciação fora constatada já no processo de busca dos trabalhos, pela análise das palavras-chave utilizadas.

### **1.3.3. Palavras-Chave**

A utilização das palavras-chave se mostrou como um importante indicador, tanto de como os autores designavam os povos indígenas como também para compreender como o termo “indigenous” estava sendo empregado nos trabalhos. Desse modo, no contexto brasileiro as palavras-chave para designar os povos indígenas foram predominantemente “índio” e “indígena”. Isso denota que a utilização no contexto nacional é prioritariamente para designar os povos nativos brasileiros.

As palavras-chave utilizadas nas produções do contexto internacional foram: grupos específicos (41); indigenous (indígena, 38); nativos (natives, 11); indians (índios, 10); ethnic and racial groups (grupos étnico-raciais, 9); first nations (primeiras nações, 2); rural (2). O grupo específico diz respeito aos nomes específicos tanto dos países cujas culturas foram estudadas, como dos nomes específicos das sociedades nativas. Já “indigenous” designa tudo que é próprio de certa sociedade e não exportado de contextos externos (SINHA, 1997). Nos artigos pesquisados, o termo foi utilizado tanto no sentido de categoria geral para especificar povos nativos ou étnicos, como também era utilizada para expressar todo e qualquer fenômeno, constructo ou aspecto próprio de determinado contexto.

Há diferença semântica do uso de “indigenous”, explicado acima, e “indígenas”. Em português, a palavra que designa direta e tão somente os povos nativos brasileiros. O termo está relacionado à nomenclatura dada aos povos que já habitavam o continente americano antes das colonizações, que por conta do erro cartográfico foram apelidados de “índios” ou “indígenas”. Luciano (2006) afirma que sendo apelidos genéricos e não haver nenhum povo ou etnia com essa nomenclatura, estas são categorias adotadas pelos próprios indígenas brasileiros nos movimentos sociais para demarcar identidade política.



Fizeram e fazem isso para viabilizar, fortalecer todos os povos indígenas e, principalmente, para demarcar a fronteira étnica e indentitária entre os indígenas e os não indígenas.

Em suma, no contexto internacional os trabalhos de “indigenous” se referiam a diversas culturas: culturas chinesas, brasileiras, turca, sul-africanos, ganesas, nórdicas, indígenas norte-americanos, indígenas australianos, indígenas neozelandeses, entre outras várias sociedades existentes. E no brasileiro, os estudos se referiam unicamente aos “índios” brasileiros.

#### **1.3.4. Discussão qualitativa de alguns trabalhos selecionados**

Para a discussão qualitativa dos trabalhos de ambos os contextos, utilizamos 21 trabalhos, sob os critérios já mencionados anteriormente. Do contexto nacional adotamos 7 trabalhos e do internacional 14. A discussão de tais artigos foi de grande importância para esse estudo, pois permitiu vislumbrar não só como tais trabalhos foram realizados, mas também quais temáticas estes trataram.

##### **1.3.4.1. Análise qualitativa da produção nacional**

Nos trabalhos brasileiros foi possível categorizar os seguintes temas: a) indígenas e a saúde (GRUBITS *et al.*, 2011; MACIEL *et al.*, 2012); b) Perspectiva analítica junguiana e a cultura indígena (SÁ 2011; OLIVEIRA, 2012); c) indígenas e o urbano (STOCK; FONSECA, 2013); d) indígenas e Educação (GRUBITS, 2014); DELMONDEZ; PULINO, 2014). Vejamos do que tratam esses artigos:

**a) indígenas e a saúde.** Dentre as temáticas mais debatidas no contexto da Psicologia relacionada a indígenas está a saúde mental, principalmente no que tange às ocorrências de suicídio e alcoolismo entre esses povos. No trabalho de Grubits et al. (2011) aborda-se a ocorrência de 410 de suicídio de jovens Guarani/ Kaiowá, na região do Mato Grosso do Sul, entre os anos 2000 e 2008. As autoras afirmam que um grande entrave para se caracterizar e identificar comportamentos suicidas é a dificuldade de critérios para o diagnóstico. Além disso, é trazido que outro ponto a se considerar nas causas de suicídio é a explicação cultural dada pelos próprios indígenas. Em muitas culturas o suicídio é visto como uma punição ou feitiços que são lançados naqueles que cometem o ato. A partir disso, é debatido que estas explicações indígenas fornecem também conteúdos para se pensar que, a partir das imposições de políticas indigenistas

que desconsideram a cultura desses povos, há degradação de suas culturas e perda progressiva de seus referenciais. Desse modo, são apontados alguns fatores que contribuem para essa problemática: proximidade com a sociedade capitalista, delimitação territorial e a imposição de religiões. Estes fatores fazem os indígenas perder seus referenciais, desorganiza suas estruturas sociais e culturais, levando-os a conflitos e desajustes, alavancando-os assim para a adoção de vícios como o alcoolismo.

Isto é corroborado por Maciel et al. (2012), em um estudo realizado com profissionais da saúde da equipe multidisciplinar em saúde indígenas. Dentre as diversas causas apontadas no estudo para os altos índices de alcoolismo, foi apontada a proximidade de suas comunidades com as usinas e engenhos que favorecem o acesso a essas bebidas. Os autores apontam ainda para a necessidade de mais preparo dos profissionais da saúde indígena, no sentido de conhecerem a cultura dos povos que necessitam do auxílio, no intuito de resgatá-la, promovendo talvez uma melhora de vida para esses povos.

Em ambos trabalhos fora apontado que tais problemáticas podem ter como causa as imposições culturais das sociedades envolvidas sob sociedades indígenas, descentralizando assim seus valores, crenças e estruturas sociais.

**b) Perspectiva analítica junguiana e cultura indígena.** A partir da perspectiva analítica junguiana, Sá (2011) propõe em seu estudo explorar o simbolismo da morte a partir da mitologia brasileira. Desse modo, a partir da análise de mitos indígenas, ela elaborou cinco categorias: castigo e vingança; espíritos; caçada; disputa/guerra; transformação. A autora afirma que os mitos retratam simbolismos significativos, tais como a organização da sociedade, aspectos de sobrevivência e continuidade da espécie. Desse modo, nesse estudo a autora articula que a partir da mitologia indígena brasileira há a possibilidade de se entrar em contato com o imaginário da morte. Ela ressalta que estudar os mitos indígenas e refletir sobre o mesmo oferece a oportunidade de entrar em contato com as raízes da brasilidade.

O trabalho de Oliveira (2012), também parte da perspectiva junguiana, entretanto o seu foco é compreender a iniciação do Pajé. Nesta, o autor afirma que realizou uma entrevista com um pajé Kamaiurá e se utilizou dos conceitos junguianos. Dentre as digressões conceituais, o autor reflete acerca do ato de fumar do pajé, que pode ter a função psicológica de evidenciar a relação de ego Self do Pajé, assim como articular a cultura como um vaso alquímico, correlacionando-o com uma consciência coletiva.

Ambos os trabalhos trazem visões interessantes acerca dos mitos e da cultura

estudada. Talvez o fato de ambos se utilizarem da perspectiva juguiana seja por conta de que esta faz esforços em dialogar com fenômenos e cosmovisões tidos como não convencionais (OLIVEIRA, 2012).

**c) indígenas e o urbano.** Stock e Fonseca (2013), a partir da crescente presença de indígenas nos centros urbanos, articulam que somos provocados a romper com as naturalizações criadas pelas sociedades envolventes acerca da imagem do indígena. O artigo trabalha dois aspectos: o devir ameríndio e a cidade subjetiva; a cidade experimentada como floresta. O primeiro traz a presença dos indígenas nesses espaços e como estes constroem para si uma cidade urbanizada, o qual é ressaltado que cada grupo se apropria singularmente do urbano. No segundo tópico, os autores articulam sobre os modos de interação que os indígenas no contexto urbano interagem com o entorno. Isso consiste em uma invenção de territórios híbridos, de modo que estes vivenciam a cidade como a floresta.

**d) Indígenas e Educação.** Nesse estudo realizado por Grubits (2014), aborda reflexões acerca das mulheres indígenas que cada vez mais tem tido uma participação mais ativa dentro e fora de sua comunidade, principalmente relacionada a participação política. Nessa participação política, está o interesse em ter cada vez mais espaços nas escolas e universidade, assim como lutar por melhorias na saúde e também na educação indígena. Além disso, a autora coloca que as mulheres têm contribuído para facilitar a entrada de membros da família no ensino superior. Desse modo é ressaltado que enquanto o homem tende a sair da comunidade em busca de emprego na cidade, as mulheres demonstram preocupação com a sua comunidade, e os aspectos relativos a saúde e também a educação dos mais jovens.

No trabalho de Delmondez e Pulino (2014) é analisado a educação indígena utilizando-se das concepções de identidade e diferença para compreender a as políticas multiculturais de educação no Brasil. Desse modo, as autoras afirmam que as escolas reforçavam processos de exclusão dos povos indígenas, de modo que se configuravam como um lugar estranho a comunidade, entretanto hoje em dia passa a ser um espaço de interculturalismo, permitindo assim a mediação entre percepções e visões de mundo.

#### **1.3.4.2. Análise qualitativa da produção internacional**

Já a respeito do contexto internacional, categorizamos os artigos segundo os seguintes temas: a) relações familiares e indígenas (VAUGHAN *et al.*, 2015; LASSE *et*

*al.*, 2011); b) prevenção e saúde mental indígena (GONE; TRIMBLE, 2011; LEO *et al.*, 2012; OJELADE *et al.*, 2014; GOODKING *et al.*, 2012; KENYON; CARTER, 2011; SOMMERS *et al.*, 2012); c) discussões de Psicologia Indígena (HWANG 2010; WAGNER, 2013); d) abordagens indígenas e aconselhamento psicológico (KUO, HSU; LAI, 2011); e) comparações transculturais (SMITH *et al.*, 2012); f) indígenas e o racismo (MITCHELL *et al.*, 2011). Vejamos do que tratam esses artigos:

a) **Relações familiares e indígenas.** Dos trabalhos relacionados a essa temática, há o estudo realizado por Vaughan *et al.* (2015), com duas comunidades indígenas australianas (Yakanarra e Tennant Creek), cujo objetivo foi estudar a influência da convivência do cuidador com criação para mudanças na linguagem. Dentre os resultados destacaram-se as diferenças notáveis entre ambas as comunidades, focando nas crianças e nos cuidadores. Ambas as comunidade apresentaram diferenças em termos de carga de conversação. Acerca das medidas de complexidade morfossintática, as crianças e cuidadores de Tennant Creek usaram enunciados mais complexos, enquanto os cuidadores de Yakanarra apresentaram uma complexidade menor. De acordo com os autores, esse estudo contribuiu para compreender o desenvolvimento da linguagem normativa em crianças em contexto multilíngue que não fazem parte da classe média e que também não são ocidentais.

Lasse *et al.* (2011) estudaram a paternidade em comunidades étnicas quenianas e as implicações para o desenvolvimento da criança. O estudo visou revisar as construções tradicionais e o processo de evolução da paternidade na sociedade queniana, focando no impacto dessa paternidade no desenvolvimento infantil. Os autores comentam que o papel da paternidade sofreu grandes mudanças com a colonização e a globalização, pois primeiramente o papel do homem e da mulher eram bem definidos: enquanto o homem cuidava da caça, do gado e era guerreiro, a mulher cuidava da casa e das crianças. Com a chegada da era pós-colonial, o homem se inseriu no mercado de trabalho, migrando para os centros urbanos, enquanto que a mulher ficava mais nas áreas rurais. A partir dessas mudanças, os autores afirmam que o homem passou a ter um maior contato com a criança. Portanto os autores comentam que os contatos paternos trazem influências próprias da relação pai e filho. A respeito das influências, os autores apresentam dado que afirma que altos níveis de envolvimento e proximidade paterna estão associados a baixos níveis de dificuldades emocionais e comportamentos delinquentes na adolescência.

Stuart e Jose (2014) trazem um estudo que propôs examinar as associações entre

conexão familiar, identidade étnica e mudanças de bem-estar de jovens maoris. Os autores afirmaram que conexão familiar, identidade étnica e bem-estar estavam todos relacionados uns aos outros. E pontuaram também que altos níveis de conexão familiar podem minimizar a diminuição do bem-estar. Portanto, estes concluem que a qualidade da relação familiar e também a afiliação a grupos étnicos são importantes preditores de ajustamento para jovens maori.

**b) Prevenção e saúde mental indígena.** Gone e Trimble (2011) explicitaram as disparidades nos dados epidemiológicos acerca da saúde mental dos indígenas norte-americanos, revelando o aumento do número de casos de problemas de saúde mental. Dentre estes estão os casos de abusos de substâncias, suicídio, estresse pós-traumático e violência. Por conta da alta demanda por esses serviços, os recursos federais para lidar com a problemática foram sobrecarregados, oferecendo assim um serviço sucateado, sem contingente profissional e infra estrutura para atender essa demanda. Os autores apontam, porém, que apesar do contexto dos atendimentos a esses povos estarem nesse estado, trabalhos têm sido publicados para aumentar o conhecimento acerca dos problemas de saúde mental envolvendo povos indígenas. Por fim, os membros das comunidades indígenas estão advogando por alternativas pautadas nas suas culturas e protestando para tratar a saúde mental a partir de seus próprios meios.

O estudo de Leo et al. (2012) consistiu em comparar os casos de suicídio de indígenas australianos com não australianos, focando na frequência da associação entre condições psiquiátricas, tais como depressão, abuso de álcool e comunicação do intuito de se suicidar. Desse modo, eles constataram que os casos indígenas têm menos probabilidade de estarem relacionados à depressão, procurarem tratamento psiquiátrico ou deixar notas de suicídio. Constataram também que há grande possibilidade de comunicação verbal da intenção de suicídio, histórico de alcoolismo e uso de substâncias. Os autores por fim pontuam a necessidade de esforços de prevenção ao suicídio que sejam sensíveis à cultura desses povos.

Ojelade et al. (2014) estudaram o uso de práticas de curas indígenas africanas como intervenção em prol da saúde mental. Perguntaram a sacerdotes Orisá como estes e os seus clientes conceituavam as questões e preocupações relacionadas aos problemas mentais na Psicologia ocidental. E que métodos e técnicas os sacerdotes e seus clientes utilizavam para identificá-los. Desse modo, os autores afirmaram que para os sacerdotes Orisá os problemas de saúde mental eram considerados questões espirituais, e que seus

clientes preferiam consultar o sacerdote primeiro para identificar tais preocupações.

A intervenção comunitária apresentada por Goodking et al. (2012) foi realizada em conjunto com os membros de indígenas norte-americanos, chamada de intervenção “Our Life”. Esta tinha como foco promover saúde mental aos jovens indígenas e também às suas famílias, assinalando as raízes de diversos problemas de saúde mental, tais como violência, trauma e abuso de substância. Tinha suas premissas baseadas no bem-estar. Os autores afirmaram que a intervenção foi fundamentada em valores e crenças culturais indígenas e que era formada por cinco componentes: reconhecendo/curando trauma histórico; reconexão com a cultura tradicional; parentalidade/ criação de habilidades sociais; fortalecimento dos laços familiares através de atividades equinas monitoradas. Por fim, os autores apontaram que os jovens que completaram a intervenção tiveram um aumento significativo da autoestima, da identidade cultural, qualidade de vida, ajustamento social e qualidade de vida.

O trabalho de Kenyon e Carter (2011) consistiu em um estudo cujo objetivo era examinar como a identidade étnica e o senso de comunidade poderiam estar associados com o bem-estar psicológico de indígenas norte-americanos. Além disso, foi analisado também se esses dois aspectos teriam alguma relação com sintomas psicossomáticos, efeitos positivos e sentimentos de depressão. Este estudo foi realizado com alunos indígenas do colegial. Os resultados apontaram para uma diferença significativa no senso de comunidade e efeito positivo para a identidade étnica, enquanto que outros dados mostraram que a adolescente que alcançaram a identidade de grupo eram significativamente maiores em senso de comunidade. Por fim, não foram encontradas diferenças significativas nos sentimentos de depressão e também nos sintomas somáticos quando comparados com a identidade grupal étnica.

Sommers et al. (2012) partiram de um estudo comunitário que teve a parceria de pesquisadores universitários, trabalhadores da saúde indígena e jovens indígenas, realizando entrevistas para examinar como os jovens indígenas australianos estavam se protegendo de DSTs. Os resultados traziam estratégias preventivas adotadas pelos jovens, variando entre crenças sobre conhecer os parceiros sexuais, o tipo de relacionamento, o contexto do encontro sexual e acesso a preservativos. Os autores pontuaram que era necessário focar nos pontos fortes para ir em oposição aos modelos deficitários de saúde comumente adotados em pesquisas de saúde indígena. Além disso, era importante chamar atenção para as questões da saúde segundo ponto de vista dos jovens indígenas e de suas

comunidades, sem que haja o emprego de estereótipos negativos e focando tão somente no risco comportamental individual.

**c) Discussões de Psicologia Indígena.** No trabalho de Hwang (2010), o autor analisa as dificuldades das Psicologias não ocidentais ao tentarem desenvolver Psicologias que afirma serem baseadas em um positivismo ingênuo. O autor chama atenção para que se deve tentar construir teorias culturalmente adequadas nas bases do neo-positivismo, pois este adota a ontologia do realismo, assumindo que existe uma realidade ontológica além das experiências sensoriais. A partir disso, o autor afirma que se poderá desenvolver conhecimentos empírico-analítico, histórico-hermenêutico e ciência crítica para sociedades indígenas.

Já Wagner (2013) traz em seu trabalho a importância da cultura, por influenciar a afetividade, comportamento e de modo mais geral o funcionamento do ser humano. Este se utiliza da teoria das representações sociais para criticar o universalismo pregado no fenômeno social psicológico e assim fazer uma interlocução com a Psicologia Indígena.

**d) Abordagens indígenas e aconselhamento psicológico.** O estudo de Kuo, Hsu e Lai (2011), teve como objetivo examinar abordagens indígenas para aconselhamento psicológico em Taiwan. Para tanto, estudaram como os valores chineses afetavam no aconselhamento psicológico, tentando identificar e categorizar valores culturais específicos e interpretar essas características nativas em forma de temas culturais abrangentes. Este trabalho foi realizado com um profissional perito na área aconselhamento e adotou a metodologia de estudo de caso. Foram tematizadas 5 categorias: significância da autoridade do terapeuta; prioridade no rapport e na relação com o terapeuta-paciente; centralidade do familismo coletivo; observação para processo e resposta nativa; aderência para preservar a comunicação e padrões interpessoais. Os autores concluem que o seu trabalho apresentava várias limitações, principalmente porque o estudo foi realizado somente com um caso.

**e) Comparações transculturais.** A proposta do estudo Smith *et al.* (2012) foi comparar quatro tipos de estratégias de influência social, sendo cada uma destas usadas segundo suas especificidades culturais. Os fenômenos estudados foram: “jeitinho brasileiro”, “guanxi” (sociedades chinesas), “wasta” (nações arábicas) e “pulling strings” (Inglaterra). A pesquisa foi realizada com estudantes brasileiros, libaneses, chineses e ingleses. Constatou-se que os fenômenos estudados foram considerados típicos tanto nos seus cenários de origem como também nos cenários dos outros contextos culturais. Os

autores afirmam que a comparação destes pode contribuir para o desenvolvimento de modelos de culturais gerais de processos de influência social.

**f) indígenas e racismo.** A partir da problemática de que o racismo vindo de não indígenas para indígenas australianos são reproduzidos e mantidos nas conversas do dia a dia, Mitchell *et al.* (2011) propuseram explorar as possibilidades do antirracismo cotidiano, perguntando às pessoas como elas negociavam discursos racistas em contextos interpessoais. Esse estudo foi realizado com alunos do curso de Psicologia. Os autores sugeriram que o antirracismo cotidiano requer preparo para lidar com as possibilidades de desconforto ao se deparar com discursos racistas.

#### **1.4.Considerações finais –**

É importante ressaltar que o aspecto qualitativo desta revisão de literatura foi guiado pela comparação qualitativa do que se pôde observar das diferenças de produções entre os contextos nacionais e internacionais. Também ressaltamos que este trabalho não teve pretensão de abarcar todo o universo de pesquisa de Psicologia e povos indígenas, pois fizemos um recorte temporal específico. Outro ponto importante a ser lembrado é que os trabalhos internacionais podem também não ser uma amostra significativa da produção nesse contexto. Entretanto, acredita-se que os artigos utilizados nesta revisão indicam algumas peculiaridades das pesquisas com povos indígenas em outros contextos ao redor do mundo. Assim, podemos ter um vislumbre e comparar o que dizem os estudos internacionais e os brasileiros.

A partir dos temas discutidos, observamos que o contexto de produções brasileiras traz como característica trabalhos voltados a políticas públicas de saúde mental, políticas de educação indígena, reflexões acerca das interações entre os indígenas e o espaço urbano, assim como trabalhos voltados a leituras das cosmologias indígenas a partir de olhares analíticos. Já no contexto internacional, verificamos produções voltadas também a políticas de saúde tanto mental quanto física, à discriminação racial, a estudos das relações familiares nas diferentes culturas indígenas, a compreender como valores culturais influenciam nos fenômenos que ocorrem no setting terapêutico, discussões acerca das Psicologias Indígenas e comparações transculturais.

De um modo geral, a partir dos temas identificados é possível observar que ambos os contextos apresentam tendências de pesquisa convergentes em alguns aspectos e divergem em outros. Dos aspectos convergentes, temos que em ambos os contextos os



estudos estão voltados para as problemáticas das minorias étnicas frente às disparidades dos serviços de saúde oferecidos, tal como mostra nos temas “Indígenas e saúde mental” e “prevenção e saúde mental indígena”. Outro ponto de convergência é dos temas “indígena e o urbano” e “indígenas e o racismo”, que refletem acerca da apropriação que o indígena faz do espaço, trazem consigo a necessidade desses grupos desconstruir os estereótipos historicamente construídos pelas sociedades europeias e indicam o combate às discriminações no dia a dia, utilizando a ideia de antirracismo cotidiano.

Dos aspectos divergentes, observa-se que no contexto internacional se encontram dois modos de pesquisas de Psicologia e indígenas. Um modo consiste na utilização da Indigenous Psychology para estudar os processos psicológicos a partir das diferentes tramas culturais dispostas pelo globo, independente se são sociedades étnicas ou sociedades urbanas. Por esse prisma foram tratadas discussões de Psicologia Indígena, abordagens indígenas e aconselhamento, e comparações transculturais. O outro modo refere-se àquelas pesquisas voltadas diretamente aos estudos com povos indígenas à luz da Psicologia, podendo se utilizar ou não da Psicologia Indígena. Por essa ótica se abordaram as temáticas das relações familiares e indígenas, prevenção e saúde mental indígena, indígena e racismo.

De modo geral, a Psicologia no Brasil mesmo tendo avanços gradativos acerca de estudos voltados a povos indígenas, e mesmo tendo uma grande quantidade de povos indígenas, ainda carece de mais produções. A razão dessa falta de estudos pode estar relacionada aos pressupostos ocidentais dominantes que ainda imperam na Psicologia brasileira e que, por isso, consideram desinteressantes estudos com esses grupos sociais. Entretanto, o fazer de Psicologias voltadas aos povos indígenas é de grande importância, pois, de acordo com Guimarães (2016), ao entrarmos em contato com as tradições indígenas estabelecendo relações equitativas entre esse choque de culturas, passamos a conhecer não só as tradições indígenas, mas também as nossas próprias tradições.

Por fim, esta revisão de literatura tem importância por permitir atualizarmos os nossos conhecimentos acerca do que foi e do que vem sendo produzido em âmbito nacional e internacional. Também permite trazer reflexões sobre os vastos sentidos que os termos “indígena” e “indigenous” podem expressar.

## **CAPITULO II - PSICOLOGIA INDIGENA E PSICOLOGIA MACRO CULTURAL**

### **2.1. Introdução**

Nesse trabalho, para compreender a pessoa Yepa Mahsã, por um viés psicossocial optou-se por utilizar dos referenciais de duas metas teorias da Psicologia Cultural, A Psicologia Macro Cultural (PMC) e Psicologia indígena/Indigenous Psychology (PI), ambas trazem importantes pressupostos a respeito das diversidades culturais, entretanto também trazem suas limitações, como será visto mais a frente. Antes de adentrar em ambas as metas teorias, torna-se importante trazer um pouco da história do surgimento da Psicologia enquanto epistemologia ocidental. Assim como traçar cronologicamente os autores o desenvolvimento das Psicologias da cultura, para assim compreender as bases de ambas as metas teorias, PI e PMC.

O surgimento da Psicologia enquanto ciência moderna se deu a partir das produções advindas das sociedades ocidentais, que traziam concepções acerca dos fenômenos psicológicos tratados como universais e, enquanto tais, eram disseminados a vários outros contextos sociais. Desse modo, algumas abordagens reproduziam e/ou ainda reproduzem muitos pressupostos que são próprios, fundamentados e dominantes das sociedades norte-americanas e europeias (DAZINGER, 2006). A partir dessa reflexão, um questionamento central surgiu: Como estudar os índios a partir do ponto de vista da Psicologia? Assim, houve a necessidade de procurar abordagens que pudessem alcançar o contexto dos povos indígenas.

No intuito de romper com esses pressupostos ocidentais dominantes, que falham em alcançar o contexto dos povos indígenas, recorreu-se para às ideias das Psicologias da cultura, mais especificamente a Psicologia Indígena e a Psicologia Macro Cultural – sendo esta última uma ramificação da Psicologia cultural (ESTEBAN; RATNER, 2010). A primeira nos chamou atenção, inicialmente, pelo termo “Indígena” que podia indicar uma possível aproximação com os povos indígenas brasileiros. Entretanto não se trata apenas de uma Psicologia voltada para tais povos, mas sim uma Psicologia que considera os costumes e os processos psicológicos que se constroem a partir de determinado contexto, como vimos no capítulo anterior.

A ideia da Psicologia Indígena se configura como um elemento de grande importância para a Psicologia Macro Cultural. De acordo com Ratner (2013), esta última

tem como objetivo estudar os processos psicológicos que se formam a partir da cultura global de determinada sociedade. Logo, esta propõe estudar os povos indígenas com base na sua própria cultura e os fenômenos psicológicos construídos por esta, configurando-se assim como uma Psicologia que visa uma horizontalidade cultural.

A Psicologia Indígena, enquanto um elemento da Psicologia Macro Cultural, tem sua importância para a proposta de estudos dos aspectos culturais de povos indígenas brasileiros e os modos como esses aspectos influenciam na construção psicossocial destes. A partir dessas considerações, neste capítulo apresentamos um breve histórico do desenvolvimento das PsicoLOGIAS da cultura, o surgimento da Psicologia Indígena e explicitamos os pressupostos da Psicologia Indígena e Psicologia Macro Cultural.

## **2.2. A aproximação entre Psicologia e Cultura**

O surgimento da Psicologia foi marcado pelas tentativas de se validar enquanto ciência, dentro de um paradigma que visava universalizar os processos psicológicos. Entretanto, em anos mais recentes tem havido a necessidade de se descentralizar tal universalidade. Um dos aspectos que mais sustentou essa descentralização era a consideração das culturas das diversas sociedades como pivô principal para relativização dos processos psicológicos.

O conceito de cultura e o seu estudo fizeram e fazem parte da tradição antropológica desde os primeiros trabalhos etnográficos. Trata-se de um conceito um tanto abstrato e ainda bastante discutido, de modo que de tempos em tempos se estabelecem novos modos de enxergar a cultura. De acordo com Ingold (2003), nos primórdios da Antropologia, onde as sociedades diferiam de acordo com o seu grau de avanço dentro de uma escala universal de progresso, a cultura era vista como sinônimo de progresso civilizatório. Tais pressupostos foram bastante utilizados para naturalizar nas sociedades dominantes um sentido de superioridade sob outras sociedades que até então eram consideradas primitivas (ROSA, 2014). Entretanto, com o passar do tempo tal perspectiva foi perdendo espaço para o relativismo cultural, que negava as ideias de um progresso civilizatório linear e sim uma perspectiva pautada na pluralidade cultural (INGOLD, 2003).

No entanto, está também mudou para uma perspectiva que via a cultura como um sistema de conceitos e representações mentais compartilhadas, estabelecidos por concordâncias e reproduções por meios tradicionais. Esta última concepção, não

diferente, também foi trocada por outra que considerava o cerne da produção cultural vinculada às práticas humanas que aconteciam em um contexto de envolvimento interpessoal com o mundo social (INGOLD, 2003). A partir disso, os conceitos relacionados à cultura foram gerados para se encaixar nas demandas dominantes de cada época e, talvez, tais mudanças ainda continuem a acontecer no decorrer dos tempos.

Uma das características mais marcantes da vida humana é a diversidade cultural e como esta é vivida, o que mostra que os seres humanos são seres que vivem culturalmente. No intuito de alcançar tais diversidades, os estudos de Psicologia e cultura também passaram por um longo processo de construção, até chegar nos pressupostos da Psicologia Cultural. Para uma breve visualização desse processo, abordaremos alguns autores que contribuíram para a formação do que hoje se conhece como Psicologia Cultural, que contribuíram também para as Psicologias Indígenas e Psicologia Transcultural (*Cross Cultural Psychology*).

Para Johada e Krewer (1997), estas Psicologias são compostas por princípios e elementos que foram originários de autores que se rebelaram contra os pressupostos iluministas acerca do caráter natural e universal do funcionamento da psique humana. Dentre tais autores, o filósofo Giambattista Vico é creditado por ter sido o primeiro a explicitar o desenvolvimento da mente e cultura, o que fora crucial para a fundamentação da perspectiva sócio-histórica com o seu trabalho intitulado “*New Science*”. Nesse trabalho, Vico tinha como objetivo reconstruir a história das ideias humanas e os princípios da evolução social. A partir de um trabalho de interpretação da história da humanidade, ele trouxe a ideia de que os princípios das histórias das nações podem ser encontrados nas modificações da mente humana. Tais princípios, enquanto essencialmente psicológicos, estão subjacentes aos modos de comunicação simbólica.

Ainda segundo os autores, outro grande percussor dos princípios da Psicologia Cultural foi o filósofo Gottfried Herder, um defensor do relativismo cultural. A partir da sua obra “*Ideas on the philosophy of the hystory of mankind*”, ele lançou mão da ferramenta conceitual “*Volksgeist*” (alma das pessoas). Herder afirmava que o *volksgeist* consistia na mentalidade dos membros de determinado coletivo, que era a fundamentação e também produto da linguagem e da tradição histórica desses coletivos. O *volksgeist* se caracterizava como ferramenta conceitual, pois visava alcançar as particularidades dos conteúdos mentais compartilhadas por determinado grupo.

Inspirado pelos trabalhos de Herder acerca da linguagem como uma forma de

desvelar as capacidades humanas em grupos históricos culturais, Wilhelm von Humboldt trouxe a ideia de que pessoas que compartilhavam de uma mesma linguagem desenvolviam subjetividades similares (visões de mundo). Para Humboldt, a cultura condiciona o pensamento através da linguagem, a partir dessa relação os povos teriam uma determinada visão de mundo por conta da codificação linguística que estes fazem da realidade (ESTEBAN; RATNER, 2010). Os estudos de Humboldt visavam explorar a mentalidade das pessoas a partir de estudos comparativos com os sistemas linguísticos, sendo que a linguagem era considerada como fator constitutivo ou até mesmo sinônimo de mentalidade (JAHODA; KREWER, 1997).

Nesses estudos acerca do “espírito” e das características específicas de determinado povo, Humboldt lançou o termo “Psicologia dos Povos” (*Völkerpsychologie*) (ESTEBAN; RATNER, 2010). Entretanto, mesmo sendo creditado como o fundador da tradição da Psicologia dos Povos, os que primeiro apresentaram um programa formal dessa Psicologia foram Moritz Lazarus e Heymann Steinthal, com a “Revista de Psicologia dos Povos e Filologia” (*Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft*), que fora editada por ambos entre 1860-1890 (JAHODA e KREWER, 1997). Ambos os autores eram linguistas e psicólogos, tendo como objetivo em seus trabalhos desvelar a relação entre os processos psicológicos básicos e os processos mentais ligados com a vida coletiva das sociedades humanas (JAHODA; KREWER, 1997; SPERING, 2001).

De acordo com Jahoda e Krewer (1997), o objetivo geral dessa Psicologia dos Povos trazida por Lazarus e Steinthal era dividido em duas partes: a) estudo histórico da humanidade como um todo, no intuito de descobrir as leis gerais que fundamentavam as mudanças e desenvolvimento da mente; b) estudo de mentalidades particulares em diferentes pessoas, objetivando investigar os fatores que produziam as manifestações específicas. Desse modo, a primeira trazia um caráter histórico-popular e o outro psicoetnológico. Os trabalhos apresentados nos volumes traziam metodologias que Jahoda e Krewer (1997) e Sperring (2001) caracterizam como os trabalhos percussores das tradições de pesquisa da Psicologia Transcultural.

Foram publicados 20 volumes da revista, que traziam diversos estudos acerca do “espírito” dos povos (ESTEBAN; RATNER, 2010). Porém, Jahoda e Krewer (1997) apontam que durante o tempo das publicações, estas foram pouco esclarecedoras, pois apresentavam poucos estudos empíricos e os temas dos estudos publicados ora reduziam

seus conteúdos a religião ora ao folclore. Os autores apontam também que quando havia estudos que trabalhavam contextos de países específicos, estes raramente eram referentes a países de outros continentes senão o europeu. Outro ponto que fora considerado pelos autores, como um problema a nível teórico, estava relacionado à dupla natureza dos sistemas de significados culturais proposto por Lazarus e Steinthal. Havia dificuldades em encontrar o “espírito dos povos” nos produtos subjetivos nos membros de determinado povo, bem como em fenômenos coletivos de naturezas variadas.

Tal modelo de estudo apresentado por Lazarus e Steinthal fora bastante criticado por Wilhelm Wundt, mesmo antes de começar as suas publicações sobre a sua Psicologia dos Povos. Este advogava para uma Psicologia dos Povos mais orientada para a Psicologia em si, pois acreditava que tal Psicologia deveria analisar os aspectos do desenvolvimento dos processos mentais superiores inseridos em contextos histórico culturais (JAHODA; KREWER, 1997). Wundt é reconhecido como o fundador do laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig no ano de 1879, mas teve também sua importante contribuição com os 10 volumes de “Psicologia dos Povos”. Desse modo, Wundt dividiu a investigação dos processos mentais em inferiores e superiores, sendo que as investigações dos primeiros estavam relacionados à experiência imediata (sensações, percepções e emoções), enquanto as investigações dos segundos estavam relacionados à linguagem ou pensamento, processos esses que não podiam ser acessados a partir do escopo da Psicologia Experimental (ESTEBAN; RATNER, 2010).

Desse modo, de acordo com Jahoda e Krewer (1997), a Psicologia dos Povos proposta por Wundt pode ser caracterizada como uma Psicologia sócio-evolucionária, onde o desenvolvimento individual está intimamente relacionado à esfera cultural. Outro ponto importante acerca da perspectiva de Wundt está relacionado à relação de mútua interdependência entre a Psicologia individual e Psicologia dos Povos. Esta traz consigo a aplicação dos princípios válidos para a Psicologia individual, que por sua vez traz consigo os princípios da consciência individual, de grande importância para o desenvolvimento da cultura. Portanto Wundt dava às duas Psicologias igual importância, considerando que juntas estas formavam a Psicologia como um todo (JAHODA; KREWER, 1997; ESTEBAN; RATNER, 2010).

Outras notáveis contribuições para a Psicologia Cultural vieram da escola histórico-cultural russa, liderada por Lev Semenovitch Vigotsky, Alexander Romanovich Luria e Alexis Nikolaevich Leontiev, fundada nos anos 1920. A Psicologia Histórico-

Cultural surgiu no contexto da Revolução Russa e de uma sociedade que sofria sérios problemas. Além disso, a teoria vinha em contrapartida a uma tradição de estudos de Psicologia e cultura, onde predominavam metodologias positivistas, consistindo assim do fazer de uma Psicologia científica considerando o materialismo dialético e histórico (ESTEBAN; RATNER, 2010; VIEIRA, 2009).

Essa abordagem postulava que os processos psicológicos se desenvolviam (pensamento, memória, percepção, atenção, imaginação, linguagem), por meio de utilização de instrumentos culturais e psicológicos. Vigostky também trouxe dois princípios que enfatizam esse caráter culturalmente mediado da conduta humana: o princípio da significação e a lei da dupla formação (ou genética do desenvolvimento). O primeiro princípio traz que é capacidade de o ser humano governar a sua conduta parte da criação de símbolos e signos, que é o que nos difere dos outros animais. O segundo princípio traz que os processos psicológicos superiores aparecem primeiro a nível interpsicológico, para a partir da internalização aparecer no psiquismo da pessoa, ressaltando que esse processo é mediado culturalmente. Desse modo, são apresentados dois níveis de desenvolvimento: zona de desenvolvimento real e zona de desenvolvimento potencial. A primeira diz respeito às ações que a pessoa pode realizar de forma independente, enquanto que a segunda diz respeito ao que a pessoa pode vir a fazer com auxílio da outra. Há também a zona de desenvolvimento proximal, onde um aprendiz, com a ajuda de alguém mais experiente no manejo de um determinado artefato cultural, se apropria progressivamente de tal artefato, sendo capaz de alcançar a zona de desenvolvimento real (ESTEBAN; RATNER, 2010; VIEIRA, 2009).

Portanto, de acordo com Esteban e Ratner (2010), a Psicologia proposta por Vigotsky é importante para a Psicologia Cultural, pois estabelece um duplo vínculo entre Psicologia e cultura. A teoria de Vigotsky tem tido uma produção crescente em todo o mundo a partir de grupos de pesquisa, servindo de base para várias teorias de abordagens sociais críticas, como por exemplo a Psicologia sócio-histórica no Brasil e as vertentes da Psicologia Cultural, tal como a Psicologia Macro Cultural (ESTEBAN; RATNER, 2010; VIEIRA, 2009).

Portanto, observa-se que os estudos de Psicologia e cultura, não diferente dos estudos antropológicos da cultura, passaram por diversas mudanças através dos tempos, ora divergindo ora convergindo em um ponto ou outro. Observa-se que o conceito de cultura é muito amplo e ainda é amplamente discutido. E cada área de estudo das ciências

humanas terá o conceito que melhor se encaixa em seu contexto de pesquisa. No contexto da Psicologia, a partir desse breve histórico, entendemos que é inegável a relação íntima, senão uníssona, da cultura na construção da subjetividade, assim como a influência dos conteúdos subjetivos na construção e desenvolvimento da cultura.

### **2.3. Breve histórico do surgimento da Psicologia Indígena**

A partir da constatação de que os processos psicológicos se diferenciam de acordo com os aspectos culturais inerentes de cada sociedade, houve a necessidade, por parte dos psicólogos de vários outros contextos culturais, de elaborar epistemologias próprias para estudar estes de acordo com o repertório cultural do contexto que se pretendia estudar (DAZINGER, 2006). Como expressão desse movimento, surgiu a Psicologia Indígena – ou Psicologias Indígenas, para atender a diversidade de abordagens rotuladas da mesma maneira. Para entender do que se trata, faremos um breve histórico de suas origens, assim como uma descrição dos princípios que fundamentam essas epistemologias.

Primeiramente, antes de adentrar no contexto de construção histórica das Psicologias Indígenas, é importante esclarecer algumas confusões acerca das expressões “indígena” e “indigenização”. De acordo com Sinha (1997), tais expressões estão relacionadas a três características básicas: a) referente a tudo aquilo que é nativo; b) não é transplantado de outros lugares; c) é designado para os habitantes nativos. Trazendo essas concepções para a ideia de Psicologia Indígena, a autora afirma que os termos indígena e indigenização dizem respeito àqueles conhecimentos psicológicos advindos da cultura nativa de determinado contexto, que não foram transplantados de outras regiões exteriores e que tais conhecimentos são designados pelos povos nativos e para os povos nativos.

É importante ressaltar que o aspecto indígena dessas Psicologias não está relacionado com as práticas de estudo da antropologia clássica a respeito dos povos nativos, grupos étnicos ou pessoas que vivem no “terceiro mundo”. A Psicologia Indígena parte do pressuposto de que esta é necessária para todos os grupos nativos, étnicos e culturais, o que inclui também países em desenvolvimento econômico (KIM et al., 2006). Desse modo, a Psicologia Indígena se firma como uma abordagem que visa a construção de Psicologias relevantes ao contexto que se propõe estudar e rompe com a dominância epistemológica da Psicologia ocidental, que também é indígena (CANILAO et al., 2015).

O movimento de indigenização da Psicologia vem de uma série de fatores



históricos, sociais e políticos que culminaram na necessidade de se fazer uma Psicologia voltada para os contextos específicos de suas sociedades. De acordo com Yang (2012), pode-se apontar como um dos pontos iniciais a expansão do poder colonial europeu no final do século XV e no começo do século XIV, que culminou no começo histórico das relações internacionais do sistema mundial capitalista. O autor afirma que essas relações internacionais se configuravam da seguinte maneira: de um lado haviam as nações ditas centrais (na sua maior parte países europeus) e, de outro, as nações ditas periféricas e semiperiféricas (países subdesenvolvidos, ou países não ocidentais em desenvolvimento). As nações centrais tinham as suas capacidades militares, políticas, econômica, culturais e educacionais bem avançadas, e com isso se utilizavam de uma relação de poder desigual com as nações periféricas para aumentar suas vantagens.

Assim, Yang (2012) afirma que essas relações se estendiam também para os domínios acadêmicos e é daí que surgiu um sistema internacional de Psicologia enquanto disciplina dominada pelas sociedades ocidentais. De acordo com Allwood e Berry (2006), a Psicologia pode ser entendida como uma configuração de comportamentos complexos que emergiram das sociedades europeias e norte-americanas. Tais comportamentos, de acordo com os autores, têm fortes raízes na filosofia religiosa judaico-cristã e seus pressupostos tradicionais fincados nos pensamentos greco-romanos. Desse modo, essa Psicologia das sociedades ocidentais foi amplamente passada para outras sociedades de distintas configurações.

A partir da Segunda Guerra Mundial, configurou-se o momento de grande crescimento e difusão da Psicologia e de seu ensino, mais especificamente o crescimento da Psicologia norte-americana. Os psicólogos norte-americanos afirmavam para o governo e para o público geral que a sua Psicologia poderia resolver problemas pessoais e sociais. Portanto, a partir do final dessa grande guerra e durante a guerra fria, a Psicologia norte-americana passou a ser amplamente exportada e foi também facilitada troca internacional desigual de conhecimento psicológico (HWANG, 2014). Dazinger (2006) afirma que tal troca desigual estava relacionada ao fluxo de passagem de conhecimento psicológico vindo de uma nação fonte para um grande número de nações recipientes, sendo que no ocidente tal fonte de conhecimento eram os Estados Unidos. Outra fonte da época era a esfera soviética, porém em se tratando de Psicologia e se comparando com intensidade de troca dos Estado Unidos no ocidente, os resultados desta eram poucos.

Essa troca se configurava como desigual, pois o fluxo de troca sempre era no sentido nação central para nação periférica, enquanto que o contrário não acontecia. Habitualmente, os psicólogos norte-americanos ignoravam os outros trabalhos acerca da Psicologia advindos de outros lugares, principalmente das nações consideradas periféricas. A Psicologia difundida pelos Estados Unidos tinha suas raízes nas tradições positivistas e mecanicistas, sendo que os dados e princípios desta estavam fundamentados e refletiam o contexto de sua sociedade. Esta se propunha a explicar os comportamentos não só de sociedades com as mesmas características, mas também os comportamentos das pessoas sem considerar as culturas, as tradições e as histórias. Assim, configuraram uma Psicologia que visava a perspectiva de uma sociedade ocidentalmente educada, industrializada, rica e democrática, sociedade está que não condizia com a diversidade cultural existente em outras partes do globo. A partir disso foi notável a falta de relevância da epistemologia dominante para com as necessidades locais, havendo uma falta de sincronia entre os conceitos e teorias abordados com os problemas sociais dos diversos contextos (CANILAO et al., 2015; DAZINGER, 2006; HWANG, 2014; SINHA, 1997).

De acordo com Sinha (1997), foi a partir da Psicologia Transcultural (*Cross Cultural Psychology*) e do acúmulo de dados de estudos transculturais que se foi demonstrado a influência da cultura nos processos sociais e também cognitivos, que até então eram considerados como universais. Desse modo, a autora afirma ainda que a Psicologia Indígena em todo caso precede a Psicologia Transcultural, porém esta segunda pode ser vista como um estímulo para que a primeira viesse a luz e gerasse o processo de indigenização das Psicológicas. E com isso, estimular o fazer de uma Psicologia relevante aos contextos sociais das nações até então consideradas periféricas. Desse modo, Canilao et al. (2015) afirmam que as Psicológicas Indígenas emergiram entre as décadas de 1970-1990, a partir de pequenos focos de resistência das ex-colônias dos impérios ocidentais em 1960. Em 1980, passou a se espalhar pelo mundo, surgindo assim nos continentes africano, nas Américas, Ásia, Europa, Oriente Médio e Oceania.

Todavia é válido ressaltar que esses movimentos de descentralização da Psicologia ocidental dominante, juntamente com a construção de epistemologias psicológicas adequadas aos contextos de estudo, não foram exclusivos dos estudos transculturais. Estes advieram também de críticas derivadas de outras linhas da Psicologia. Dentre essas pode-se destacar as abordagens críticas da Psicologia.

De acordo com Lacerda Jr. (2010), o surgimento da Psicologia Crítica data da

década de 1960 aproximadamente, podendo ser caracterizada pela sua pluralidade de tendências e tradições teóricas. O que todas estas têm em comum é uma posição que visa se opor dos pressupostos hegemônicos da Psicologia dominante. Entretanto, o autor traz que ainda não necessariamente essas Psicologias se construíram em países não ocidentais, contudo boa parte destas visava combater o reducionismo, individualismo e universalismo das concepções dominantes.

Assim, Parker (2009) pontua quatro elementos inerentes à Psicologia Crítica, configurando-a também como Política:

- A Psicologia Crítica se caracteriza como um exame sistemático que permite trazer à luz as variedades de ações e experiências psicológicas que são privilegiadas em relação a outras. Explicitando também que os discursos da Psicologia dominante estão intimamente ligados ideologicamente e a serviço de um nicho de poder;
- A Psicologia Crítica é um estudo que considera que todas as Psicologias são construídas tanto culturalmente quanto historicamente, visando estudar também como as Psicologias alternativas podem atestar ou contrastar das pressões ideológicas dos pressupostos dominantes;
- A Psicologia Crítica vai além de uma atuação pontual em universidades e em clínicas, propondo-se a estudar os modos de como as universidades educam os estudantes em Psicologia a reproduzirem uma certa cultura psicológica;
- A Psicologia Crítica pretende ser uma ciência que considera que a construção do ser humano se dá a partir da cultura e da vida cotidiana. Desse modo, a ideologia da sociedade promove as condições de existência para a Psicologia.

Portanto, a partir de tais colocações do autor, observa-se que a Psicologia Crítica, mesmo com as múltiplas abordagens que trazem consigo o termo “crítico” que podem ou não ser contraditórios entre si, trazem em seu cerne ideias semelhantes se não iguais às Psicologias indígenas.

Outro ponto que também torna evidente que essas descentralizações não são exclusivas dos trabalhos transculturais é a Psicologia Social brasileira, que tem em seu histórico carrega movimentos de crítica à Psicologia ocidental dominante e um histórico de reformas na praxe da Psicologia Social latino-americana. De acordo com Calegare (2010), essas reformas ocorreram durante a partir dos 1960, quando se constatou que os pressupostos psicológicos, advindos da Psicologia Social norte-americana, não eram

relevantes para o contexto brasileiro e para o enfrentamento dos problemas sociais existentes. O autor explicita que os conhecimentos oriundos de experimentos laboratoriais não eram relevantes para os problemas enfrentados no país, tais como a desigualdade social e um governo ditatorial e militar, sendo necessária o surgimento de trabalhos críticos voltados para essa realidade. Lane e Codo (1984) afirmam que as críticas a esse modelo apontavam a uma crise do conhecimento psicossocial, que não conseguia fazer intervenções, explicações e prever os comportamentos sociais. Assim sendo, as críticas a esses modelos epistemológicos dominantes eram justamente pela sua natureza positivista e reducionista que não alcançavam o contexto não só das sociedades brasileiras, mas também dos povos latino-americanos como um todo.

A partir disso, alguns profissionais que estavam ligados às universidades e também faziam trabalhos em comunidades passaram a refletir acerca da prática do psicólogo e seu compromisso social e político. Dentre os vários marcos importantes para a construção de uma Psicologia voltada para a resolução dos problemas sociais, houve a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), com objetivo de construir uma Psicologia Social Crítica, histórica e comprometida com a realidade concreta da população (FREITAS, 2007).

Assim, a partir dos pontos apresentados acima, observa-se que as críticas aos modelos dominantes não partiram apenas de uma fonte, mas sim de várias que talvez possam ser caracterizadas como um movimento de um dado contexto global. E tal movimento tem indicado à necessidade de se fazer uma Psicologia mais comprometida com as diferentes sociedades.

De acordo com Freitas (2007), a Psicologia enquanto praxis deve ter o intuito de tornar-se mais próxima da população em geral, romper com o elitismo e comprometida com os setores menos privilegiados, fazendo com que sua prática tenha um significado político mobilizador e transformador na sociedade. Essas ideias convergem para o fazer de uma Psicologia Indígena, que como já fora dito alcança as nações permitindo dar a voz que precisam.

## **2.3. Psicologia Indígena e Psicologia Macro Cultural**

### **2.3.1. Psicologia Indígena**

A Psicologia Indígena (PI) consiste em uma das três abordagens que constituem a Psicologia da cultura, isto é, além da Psicologia Cultural (PC) e da Psicologia

Transcultural (PTC). Estas duas últimas apresentam aspectos que se assemelham e também se distinguem da Psicologia Indígena. As abordagens PC e PI compartilham da ideia de que os processos psicológicos se diferenciam por conta dos aspectos culturais. Entretanto a PI se distingue tanto da PC como da PTC ao privilegiar aqueles aspectos que são viventes e originários de determinada cultura (*insiders*), considerando-os também como os portadores da epistemologia que pode explicar os seus processos psicológicos. Já a PTC é caracterizada pelo seu paradigma metodológico de fazer comparações transculturais a partir de métodos psicométricos, o qual a PI frequentemente se utiliza para estudar variáveis ao invés de processos. Entretanto, a PI não reduz o seu repertório metodológico ao estudo de variáveis, mas utiliza livremente da metodologia que seja relevante para o estudo e para o contexto, muitas vezes se utilizando do multimétodo (GREENFIELD, 2000; RATNER, 2013).

A PI pode ser definida como a ciência que estuda o comportamento ou/e a mente humana nativa de um determinado contexto social, sendo que esse conhecimento científico não é advindo de outras regiões, mas sim formulado a partir das pessoas que desse contexto fazem parte. O objetivo dessa abordagem é examinar conhecimentos, técnicas e crenças que as pessoas têm sobre si, estudando esses aspectos em seu contexto originário, no intuito de criar uma ciência com rigor e sistematização que possam ser verificados tanto teórico como empiricamente. Desse modo, se configura como um sistema de conhecimento psicológico em evolução, que se fundamenta em pesquisas compatíveis ao estudo dos processos psicológicos e seus contextos (KIM et al., 2006; YANG, 2012).

Allwood e Berry (2006) afirmam que há muitas razões pelos quais as PI são interessantes, pois cada PI fornece uma diferente perspectiva e que irá conferir um novo entendimento acerca dos seres humanos e até da própria humanidade. Outro ponto de interesse é que as PI veem as outras abordagens das Psicologias como intimamente enraizadas nos seus próprios contextos sociais, o que acaba por conferir a elas uma construção histórica que também é indígena e não neutra.

Entretanto, Ratner (2013) aponta para algumas inadequações da PI enquanto ciência. Primeiramente, o termo “Psicologia Indígena” denota três fenômenos distintos:

- A. Psicologia Indígena como a Psicologia culturalmente organizada. Diz respeito aos processos psicológicos que são influenciados pela cultura;
- B. O auto-entendimento local da Psicologia de determinado contexto social. Diz respeito

ao auto entendimento que cada contexto social tem de seus próprios processos psicológicos (emoções, concepções ontológicas, doença mental, personalidade, etc.), que só são compreendidos por aqueles que vivenciam tal cultura;

C. Psicologia Indígena como teoria e metodologia cultural psicológica. Diz respeito a uma meta teoria que pretende estudar esses auto-entendimentos indígenas acerca dos processos psicológicos próprios de determinado contexto.

A partir disso, o fenômeno A é o único aspecto da PI que está em consonância com as ideias das Psicologias culturais. Entretanto os fenômenos B e C não estão, pois apresentam incongruências acerca de seus pressupostos. As incongruências apontadas no fenômeno B está de um modo geral relacionada à falta de criticismo ao considerar como dados únicos e principais, o auto-entendimento das pessoas que se pretende estudar acerca de seus próprios processos psicológicos. O autor afirma que a partir dessa proposta, aceitar tais dados como únicos e valiosos podem esconder importantes tramas culturais para o entendimento das construções psicoculturais das pessoas que no determinado contexto vivem. Além disso, ao considerar como uma verdade absoluta tais auto-entendimentos, se negligencia as possíveis ideologias dominantes e opressivas que estão subjacentes nessas construções culturais. Desse modo, esses valores culturais indígenas são considerados como fora do entendimento daqueles que não vivenciam a cultura, impedindo assim que se façam críticas às possíveis ideologias opressoras. O uso prioritário do auto-entendimento indígena, como único dado de análise dos processos psicológicos culturalmente construídos, parte de uma ideia de combate ao etnocentrismo, impondo o próprio etnocentrismo de uma determinada cultura (RATNER, 2013).

Acerca do fenômeno C, o autor afirma que a PI não pode ser validada como uma disciplina da Psicologia Cultural. A incongruência apontada acerca desse ponto está relacionada à falta de um pressuposto teórico para explicar a perspectiva daqueles que vivenciam a cultura (*insiders*), partindo assim de uma mera descrição dos significados ou percepção dos mesmos. Além disso, a PI não possui uma teoria cultural que explique os atributos psicológicos, e muito menos como e por que a cultura é central para a Psicologia e como esta última influencia reciprocamente a cultura (RATNER, 2013).

Ainda de acordo com o autor, PI não propõe uma metodologia coerente que elucida as bases culturais, caráter e funções dos processos psicológicos. Também não realiza o que se propõe, que é superar os aspectos positivistas. A partir da valorização cega das perspectivas das pessoas, esta nega a pesquisa científica objetiva.

Consequentemente, tal valorização omite fortes influências culturais na Psicologia, como a estrutura de classes na sociedade, relações de poder, domínio e controle de instituições sociais, princípios que governam instituições sociais e as relações que a partir destas acontecem. Desse modo, a PI enquanto meta teoria não considera que as visões opressivas e mistificadoras da Psicologia não são exclusivas apenas das abordagens estrangeiras ou dominantes, mas também podem estar no seio da sociedade que se pretende estudar (RATNER, 2013).

Por outro lado, Hwang (2010) traz um panorama diferente a respeito da PI, mostrando que esta contém três tipos de ciência:

A. Ciência empírico-analítica. Consiste em desenvolver uma ciência empírica e analítica para examinar a regularidade e a consistência dos atos das pessoas, de acordo com aspectos específicos da sabedoria popular e que estão baseados em certos valores centrais.

Utilizam-se diversos métodos das ciências sociais;

B. Ciência histórico-hermenêutica. Por conta dos sujeitos de pesquisa em PI agirem de acordo com os valores centrais e os saberes populares difundidos em uma cultura em particular, o conhecimento da ciência empírica desenvolvida nesse contexto pode auxiliar as pessoas a entenderem a intensão dos outros, facilitando assim a comunicação nessa cultura.

C. Ciência Crítica. Baseia-se na ideia de que a ideologia de qualquer tradição cultural pode conter elementos que podem ser fontes de comunicações distorcidas e dominações hierárquicas em dada sociedade. Essa ideia também considera que as pessoas de sociedades não ocidentais ou países em desenvolvimento podem estar sujeitos a uma dupla dominação, tanto da cultura tradicional quanto do capitalismo ocidental, enquanto não estiverem conscientes desses dois tipos de ideologias.

Desse modo, a partir dos princípios apontados pelo autor, observa-se que as PI podem: assumir o caráter científico de analisar os valores centrais dos comportamentos e pelas crenças das pessoas; agir para o entendimento de tais valores para a facilidade de compreensão entre as pessoas da própria cultura melhorando assim a comunicação; e fazer uma ciência com o olhar crítico acerca das ideologias vigentes naquele contexto cultural e, assim, poder trabalhar em prol de uma libertação de dado povo de possíveis ideologias opressivas. Este ressalta ainda que, de fato, deve haver um cuidado ao se lançar mão das PI, pois estas podem vir a negligenciar relações de opressão que estão subjacentes nas figurações sociais estudadas (HWANG, 2010).

Isso está de acordo com o pensamento de Canilao et al. (2015), no sentido de que a PI partilha de uma boa ressonância com a Psicologia Crítica, pois tem como objetivo central transformar a Psicologia em uma abordagem emancipatória. Além disso, visa à busca de justiça social e entende o fenômeno psicológico como tendo espaço em contextos político-econômicos e histórico-culturais específicos.

#### **2.3.4. Psicologia Macro Cultural**

Apesar das inadequações apontadas por Ratner (2013) acerca dos pressupostos da PI e de não a considerar como disciplina da Psicologia cultural, ele afirma ainda que a perspectiva daqueles que vivenciam a cultura pode ser de grande valia, pois podem fornecer horizontes acerca do estudo de Psicologia culturalmente organizada. E isso pode ser incorporado em uma Psicologia Macro Cultural (PMC).

Desse modo, o autor afirma que a proposta da PMC pode vir a ser uma possível resposta às inadequações da PI enquanto proposta de meta teoria, ressaltando ainda que a PI se configura na abordagem da PMC como um aspecto subjacente. Esse aspecto se faz presente por: considerar que os processos psicológicos são influenciados pela cultura e vice e versa; considera a importância de se fazer uma Psicologia comprometida com o contexto de estudo; e por considerar a importância de se fazer uma Psicologia que rompe com os pressupostos ocidentais dominantes que por sua vez também é indígena (RATNER, 2013). Assim, a PMC enfatiza os fatores macro culturais da cultura em relação com os funcionamentos psicológicos. A maneira como esses aspectos formam a Psicologia e também são formados por esta se caracteriza como o campo propriamente dito da PMC.

O termo “macro cultural” refere-se aos pressupostos da teoria ecológica de Urie Bronfenbrenner, o qual a PMC toma forte referência. Nos pressupostos dessa teoria ecológica, a mente humana não pode ser compreendida caso não se adentrarem nos aspectos inter-relacionais que a constituem, ou seja, nas mudanças que ocorrem ao longa da vida e nas mudanças produzidas a partir do contexto sócio-histórico e cultural. Portanto, os processos psicológicos devem ser estudados em contextos concretos vivido pelas pessoas, sendo que tais contextos podem ser analisados em quatro níveis: microsistemas, mesossistemas, exossistemas e macrosistemas (ESTEBAN; RATNER, 2010). De acordo com Martins e Szymanski (2004), tais sistemas são concebidos de forma topológica, o qual cada um é contido no sistema seguinte. Estes interferem entre si



mutuamente e de modo conjunto afetam o desenvolvimento da pessoa. As autoras afirmam que:

- Os microssistemas se referem às interações interpessoais, padrões de atividades e papéis experimentados em determinado ambiente físico e específico. O entorno afeta direta e indiretamente a vida da pessoa.
- Os mesossistemas consistem nas inter-relações entre dois ou mais ambientes que uma pessoa participa de forma ativa, podendo ser formado ou ampliado sempre que esta passe a fazer parte de mais ambientes.
- No exossistema, a pessoa não participa de forma ativa, entretanto pode haver eventos que afetem a sua vida e vice-versa, podendo também ser afetado por eventos acontecidos no ambiente o qual a pessoa faz parte.
- O macrosistema engloba todos os outros sistemas, formando assim uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para a outra.

Portanto, Esteban e Ratner (2010) afirmam que o macrosistema pode ser constatado a partir de sistemas de crença, as religiões, organizações políticas sociais e econômicas de determinada região, que influencia e modela os outros sistemas (micro, meso e exo).

Desse modo, a PMC propõe que os processos psicológicos estão organizados por fatores macro, que incluem instituições, classes sociais, infraestrutura, artefatos e conceitos culturais que se relacionam mutuamente. A formação de sistemas sociais acontece por meio desses cinco fatores, sendo três considerados como os alicerces da cultura: as instituições, os artefatos e os conceitos culturais:

- As instituições podem ser representadas pela família, escola, governo, empreendimentos econômicos, organizações religiosas e instituições de assistência média.
- Os artefatos são representados pelas artes, instrumentos, roupas, utensílios de cozinha, habitação, etc.
- E os conceitos culturais podem ser representados pelo tempo, fortuna, moralidade, natureza e gênero. Desse modo, é válido ressaltar que os outros aspectos não são de menor importância, porém os três elencados são fundamentais para os outros, o qual juntos formam um sistema cultural. Esses fatores macro ao se entrelaçarem possibilitam a invenção de constructos psicológicos (ESTEBAN; RATNER, 2010; RATNER, 2012, 2013).

Ratner (2013) afirma que a PMC parte da ideia de que Psicologia e cultura não são fenômenos distintos, mas sim dois lados que formam uma única coisa ou dois lados diferentes de cada um. Ratner (2012) afirma também que a cultura objetiva o fenômeno psicológico e o fenômeno psicológico encarna na cultura. Desse modo, o fenômeno psicológico é articulado a nível macro cultural a partir de formatos como pedagogia, literatura, televisão, filmes, religião, escola e emprego. Estes formatos que representam os fatores macro culturais amplamente difundidos são apreendidos como significados culturais pelos indivíduos e assim moldam as Psicologias.

O autor afirma que os fatores culturais não influenciam simplesmente os fenômenos psicológico, eles os são ao passo que objetivam os processos psicológicos. Não obstante, os processos psicológicos não apenas influenciam a cultura, mas são a própria cultura, pois surgem dela e encarnam forma e conteúdo cultural. Além disso, os processos psicológicos constroem, mantêm e reconstróem os fatores culturais (RATNER, 2013). Por conta dessa dinâmica, os processos psicológicos enquanto competências objetivadas pela cultura caracterizam uma sociedade e assim propiciam a propagação de certo de tipo de sociedade, tendo assim consequências políticas (RATNER, 2012).

Torna-se importante ressaltar que nessa perspectiva, mesmo as pessoas estando sujeitas às forças desse sistema, isto não quer dizer que estas sejam passivas, pois as diferenças individuais refletem diferentes experiências culturais. Ou seja, não há determinismo da estrutura social sobre o psiquismo. De acordo com Ratner (2012), no entendimento da PMC quem constrói tais fatores macro culturais são as próprias pessoas e, a partir disso, estas tornam-se membros das próprias macroestruturas que construíram. Desse modo, a PMC não pensa nas pessoas como seres assujeitados à cultura, mas considera que as experiências psicológicas estão intimamente ligadas e condicionadas/condicionantes dos fatores macro culturais. Portanto, essa abordagem enxerga que as intencionalidades, conduta das pessoas e a cultura correspondem a uma mesma coisa, que se interdependem (ESTEBAN; RATNER, 2010).

Ratner (2012) afirma que tais consequências políticas estão relacionadas intimamente aos fatores macro culturais apresentados, pois estes são moldados a partir de interesses que fazem parte das disputas de poder das classes dominantes. Portanto, como os processos psicológicos são fatores macro culturais e apresentam características macro culturais, também fazem parte de um sistema político, cujos interesses estão relacionados a uma classe dominante.

Ainda segundo o autor, a PMC identifica o conteúdo cultural das emoções, cognição, percepção, autoconceito, motivação, memória, processos desenvolvimento, sexualidade, comportamento antissocial e doenças mentais (RATNER, 2013). Esta pode explicar também os processos de introdução de aspectos culturais de um povo dominante em outro (enculturação), traços de organizações de poder em determinados fatores culturais e também os modos os quais determinados processos psicológicos se adaptam em condições particulares e transformam sistemas sociais. Portanto, a abordagem da PMC demonstra uma riqueza epistemológica que permite entender as profundas raízes culturais de determinado fenômeno psicológico que se pretende estudar, a partir do hermenêutico macro cultural (RATNER, 2012).

Em suma, podemos observar que a PMC traz importantes reflexões a respeito da constituição psicossocial das pessoas, assim como os modos dessas agenciarem seu entorno. Além disso, traz também como ponto forte o reconhecimento da relação dialética entre Psicologia e cultura a partir dos fatores macro culturais. Entretanto, a PMC pode ter dificuldades ao estudar os fatores macro e sua relação com formas psicológicas particulares (ESTEBAN; RATNER, 2010). Além disso, outro ponto que pode dificultar o alcance de culturas não pautadas nos referenciais ocidentais diz respeito à utilização de fatores macro culturais, cujos conceitos não se aplicam a tais cultura. Isso acontece com as culturas dos povos nativos ao redor do mundo, que não necessariamente apresentam moldes de “instituição” e “política” compatíveis com as culturas ocidentais.

Portanto, no contexto desse trabalho de fazer uma análise psicossocial dos conceitos de Kihti, Bahsese e Bahsamori e como estes constituem a pessoa Tukano, os pressupostos da PMC utilizados nos ajudaram a compreender a natureza inter-relacional que esta teoria aborda Psicologia e cultura. Para tanto, buscamos examinar a relação dos fatores macro culturais de conceitos culturais e artefatos para pontuar os modos como a dinâmica entre os três conceitos para compreender a legitimação da ontologia Yepa Mahsã

Acerca dos pressupostos da PI, que se mostram úteis para a proposta desse trabalho, estão aqueles relacionados à valorização do entendimento daqueles que vivenciam sua própria cultura. Ou seja, valorizar a fala e o entendimento dos Tukanos a respeito das suas compreensões de mundo, saúde, doença, higiene, crenças e entendimento a respeito de si mesmos.

A utilização de ambas as metas teorias (PI e PMC) pode ser efetiva para entender

a pessoa tukano, pois a partir do entendimento destes acerca de sua própria cultura, pode-se identificar processos psicológicos e fatores macro culturais próprios da figuração tukano, que possibilitaram tal análise.

#### **2.4. Conclusão**

A partir do breve histórico das Psicologias da cultura, assim como o surgimento da PI e PMC, pudemos elencar diversas outras formas de descentralização dos pressupostos da Psicologia ocidental. Isso possibilitou pontuar que talvez tal descentralização está relacionada com uma necessidade global que várias outras nações tiveram, de elaborar Psicologias próprias para os seus contextos.

Sobre os pressupostos da PI, pontuamos que mesmo tendo como objetivo elaborar Psicologias próprias para cada contexto no intuito de se criar uma Psicologia própria ao seu contexto, alguns cuidados devem ser tomados. Dentre estes está a supervalorização do auto-entendimento daqueles que vivenciam uma determinada cultura têm de seus próprios processos psicológicos. Como vimos, no intuito de considerar o ponto de vista daqueles que vivem em determinada figuração cultura como únicos e apenas entendidos pelos próprios, a PI negligencia vários aspectos culturais concretos, como possíveis ideologias opressivas, por exemplo.

A PMC se mostra como uma abordagem que propõe buscar, a partir de uma análise hermenêutica, as profundas raízes culturais que estão intrínsecas nos processos psicológicos. A abordagem traz consigo importantes reflexões a respeito da Psicologia Cultural, assim como reconhece a relação dialética entre Psicologia e cultura. Porém, esta talvez tenha dificuldades de estudar fatores macro culturais e sua relação com formas psicológicas particulares.

Ainda que ambas as abordagens tragam tais limitações, estas podem vir a ser efetivas nos estudos dos Tukanos, desvelando os processos psicológicos e fatores macro culturais próprios da cultura.

### **CAPITULO III – A PESSOA YEPMAHSA E A PSICOLOGIA MACROCULTURAL**

A partir da experiência coletiva e interdisciplinar no Projeto Rios e Redes, o contato pessoal e direto com a cultura dos Yepmahsã e também dos conteúdos que os materiais de análise permitiram coletar, foi possível chegar a algumas reflexões acerca da pessoa Yepmahsã. Nessa empreitada, os conceitos culturais Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori foram de fundamental importância.

Antes de adentrarmos na discussão proposta para esse momento, torna-se importante ressaltar alguns pontos sobre os desdobramentos que aqui serão apresentados. O entendimento dos três conceitos-chave da cultura Tukano está fundamentado nos consensos negociados durante o trabalho coletivo e antropológico realizado nas discussões grupais. Portanto, é de grande importância ressaltar que os conceitos de Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori serão apresentados separadamente para fins de estruturação didática, porém eles são interligados na prática. Um adentra o outro e juntos dão os indícios da formação psicossocial da pessoa Yepmahsã.

Cada um desses conceitos traz consigo aspectos importantes, que juntos contribuem para a compreensão da pessoa Yepmahsã. Como já fora explicitado anteriormente, nesse trabalho pretende-se compreender como a dinâmica entre esses conceitos auxilia no processo psicossocial Yepmahsã. Isso será feito a partir do diálogo entre os três conceitos Yepmahsã com a Psicologia Macro Cultural. Esse trabalho não se propõe a fazer uma extensiva descrição etnográfica dos conceitos, ou da própria cultura Yepmahsã, pois isso iria fugir do direcionamento da pesquisa. Serão pontuados tão somente aqueles aspectos, que puderam ser identificados nos dados coletados, a respeito dos processos psicossociais que puderam ser encontrados a partir da análise dos três conceitos.

Portanto, torna-se importante ressaltar a parcialidade desses resultados por conta de algumas limitações de se estudar Psicologia e povos indígenas. Destas limitações pôde ser identificado: pouco referencial de estudos de Psicologia e povos indígenas; limitações próprias do “lugar” que o pesquisador ocupa.

As limitações citadas acima, foram talvez, as que se mostraram como o maior desafio dessa pesquisa. Pois, a precariedade de estudos de Psicologia e povos indígenas, tornaram a experiência de se estudar povos indígenas junto a Psicologia, mais difícil,

por não haver muitos referenciais que possam lidar, por exemplo, com outras visões de mundo, visões estas que fogem das tendências eurocêntricas. Ou que auxilie na caminhada do pesquisador psicólogo a não cometer certos vícios tanto na adoção de posicionamentos epistemológicos estratégias discursivas de como tratar os povos indígenas sem lançar mão de estereótipos discriminatórios.

O que nos leva para a outra limitação encontrada, que diz respeito ao “lugar” que o pesquisador psicólogo ocupa nesse contexto de pesquisa, pois, não importa o quão se apreendeu a respeito da cultura indígena estudada, o pesquisador ainda assim continuará falando a partir de um olhar alheio a essa cultura que está sendo estudada. O qual tudo fora escrito será, se não uma tradução que poderá não alcançar a profundidade do sentido dado a determinado termo, que só pode ser entendido por aqueles que conhecem e vivenciam tal cultura.

No entanto, a limitação a respeito do pouco referencial, foi contornada a partir das metas teorias da PMC e IP, que por sua vez trazem também suas limitações, mas se trazem aspectos que permitem uma aproximação e respeito pelas diversidades culturais das diversas sociedades humanas. Acerca do “lugar” ocupado pelo pesquisador psicólogo no contexto dessa pesquisa, infelizmente é algo que não pode ser contornado integralmente, entretanto, nessa pesquisa buscou-se minimizar este impacto, a partir da importância que fora dada aos significados, sentidos e explicações dados pelos Yepa Mahsã a respeito de sua própria cultura. Tentando ao máximo respeitar tais conhecimentos nos modos como eram aqui expostos, estando sempre que possível consultando os colegas Yepa Mahsã, para dizerem se como o pesquisador estava observando determinado fenômeno era coerente ou não.

Neste trabalho, o *Kihti Ukuse* é entendido como as narrativas que contam tramas advindas de tempos antigos e “míticos”. O *Bahsese* é entendido como mediador das relações entre os *Yepa Mahsã*, com os *Wai Mahsã*, com os seus demiurgos e também como um instrumento agenciador das relações e classificações dos ambientes, dos seres, dos alimentos, doenças e curas. E o *Bahsamori* é aqui entendido como o conjunto de rituais coletivos (*Poose*) que acontecem em diferentes momentos, acompanhando um calendário de constelações e fenômenos ambientais. Adiante explicaremos mais detalhadamente do que se tratam esses conceitos culturais.

### 3.1. Kihti Ukuse

O Kihti Ukuse, de acordo com Barreto (2012), pode ser caracterizado como um processo de diálogo que retoma as tramas vivenciais de um passado mítico. Estas tramas míticas apresentam os procedimentos formativos e transformativos que envolvem a formação do próprio pensamento Yepa Mahsã. Desse modo, o autor afirma ainda que esta forma de narrativa é exclusiva de pessoas que têm conhecimentos acumulados acerca dos fatos míticos, sendo distinguidas por seu conhecimento especializado, como por exemplo: Yaí, Kumu e Bayá (designação dada aos especialistas nos conhecimentos, dos Kihti Ukuse, dos Bahsese e das práticas de Bahsamori) É importante ressaltar que tais conhecimentos não são restritos a essas denominações citadas, pois se configuram como disponíveis a todos os Yepa Mahsã, porém só é exposto por aqueles detentores dos saberes acerca da cosmologia e mitologia.

Portanto, os Kihti Ukuse agregam em si o propósito de passagem do conhecimento a respeito da mitologia Tukano, assim como o desenvolvimento formativo dos mais jovens a partir de tais narrativas contadas pelos mais velhos. Isso se dá a partir de contos a respeito dos feitos das divindades, assim como a criação da terra, dos seres, dos ambientes e assim por diante. Os conteúdos trazidos nas tramas dos Kihti Ukuse são utilizados como norteadores para a vivência dos Yepa Mahsã com o mundo a sua volta. A partir de alguns Kihti apontados por Barreto (2013) foi possível observar que estes trazem os seguintes conteúdos: entendimentos acerca dos Wai Mahsã (explicado adiante); origem de espécies animais e alimentos; origem de atributos humanos; origem de aspectos ambientais; origem de regras sociais; origem de doenças; origem de técnicas de pesca, caça e armadilhas; origem de rituais; e origem de alguns bahsese.

Os conhecimentos passados a partir dos Kihti Ukuse propiciam que o jovem interaja com o mundo a seu redor e compreenda os fenômenos da sua realidade. A partir disso, observa-se que os Kihti Ukuse se fazem como um instrumento também de inserção dos mais novos na cultura. De acordo com Lane (1984), é a partir da linguagem que os jovens são inseridos na cultura, introjetando os aspectos culturais de um determinado contexto vivencial. A partir da linguagem a pessoa é construída, ao mesmo tempo que é construtora e reprodutora da cultura em que faz parte.

Os Kihti Ukuse trazem elementos importantes para o entendimento da pessoa Yepa Mahsã. A partir das leituras, tanto das produções de Barreto (2012), Barreto (2013) e das transcrições dos Kumu no simpósio dos Kumuã, a respeito dos Kihti e seus

conteúdos. Identificou-se que dentre os vários aspectos trazidos nestas narrativas, pode-se elencar três que contribuem intimamente para esse entendimento e que também se interligam intrinsecamente com os aspectos do Bahseese e do Bahsamori. Esses três aspectos dizem respeito à noção de pessoa que os Yepa Mahsã têm de si mesmos:

A. Ser uma extensão de seu criador Yepa Oake, indicando que são ligados ao seu criador desde o nascimento a partir dos Bahseese; e a partir disso viver e interagir com o entorno a partir dos conhecimentos de Bahseese.

B. Ser fruto de um processo de construção e transformação advindo de “tempos míticos”, que os diferenciam dos seres Wai-mahsã (seres humanos invisíveis) que não completaram essa “transformação”. Adiante explicaremos o que seria esse processo de transformação.

C. Estarem conectados a uma estrutura cosmológica e cosmo-política que os interligam com os criadores, os Wai-mahsã e entre si.

Desse modo, observa-se que os Kihti Ukuse trazem os referenciais os quais os Yepa Mahsã vão fundamentar os seus modos de vida e interações com o entorno. Estes não só trazem tramas antigas, ou meras histórias, mas também os conhecimentos para viverem, as explicações para os fenômenos a sua volta, assim como estabelece e fundamenta emoções, percepções e sentimentos próprios da sua figuração social. Não obstante, este também é que vai fundamentar as práticas de Bahseese e Bahsamori.

Portanto, a partir da noção de pessoa trazido nos conteúdo do Kihti Ukuse, podemos observar que a ligação com o seu criador é de grande importância para a noção de pessoa dos Yepa Mahsã. Esta ligação é o que os possibilita viver e interagir com o entorno. Eles vivem a partir dos conhecimentos e das práticas de Bahseese, sendo que viver de Bahseese é viver a partir dos conhecimentos de Yepa Oake. A importância dessa ligação para a ontologia Yepa Mahsã torna-se evidente até na sua auto-identificação. Yepa designaria ao seu criador e Mahsã significa “gente”, inferindo-se uma tradução superficial, temos algo como “gente de Yepa”.

Outro aspecto que nesse trabalho foi considerado como importante, para o entendimento psicossocial da pessoa Yepa Mahsã, está relacionado ao fato dessa vivência se dar a partir dos Bahseese, ou seja, a partir dos conhecimentos de seu criador. Isso também é o que afirma a pessoa Yepa Mahsã enquanto diferenciada dos “brancos” (Pehkasã). Na narrativa acerca da transformação dos humanos para o que são atualmente, afirma-se que aos Yepa Mahsã foram designados à vivência a partir dos Bahseese, enquanto aos “brancos” designou-se a vivência a partir dos aparatos tecnológicos, da



ciência e da escrita (FULOP, 2009; BARRETO, 2013).

Outro ponto a se observar acerca dessa noção na ótica dos Yepa Mahsã diz respeito à ideia de que estes consideram a existência de outros tipos de humanos. Dentre estes outros tipos de humanos estão os Wai-Mahsã (seres humanos invisíveis), que em tempos míticos não completaram o processo de construção e transformação que os Yepa Mahsã passaram para se tornar os humanos que são. Esses seres são os donos dos diferentes ambientes presentes nos espaços aéreos, terrestres e aquáticos. A relação que se estabelecem entre os Yepa Mahsã e os Wai-Mahsã podem ser ora harmoniosas ora conflituosas, pois trata-se de uma relação que traz várias regras e normas sociais que, se quebradas, podem trazer doenças, prejuízos para o coletivo, ou até a morte. Essa relação não se configura só a partir do receio de sofrer com as consequências na quebra dessas regras, mas se configura também a partir do respeito que os Yepa Mahsã têm aos Wai Mahsã. Isso porque não só os consideram como os protetores dos diferentes espaços e dos seres que neles habitam, mas também como portadores de ensinamentos importantes para a sua sobrevivência.

Na ótica Yepa Mahsã, outro aspecto importante que faz parte da sua ontologia diz respeito à estrutura cosmológica e cosmo-política que os interligam com o seu criador, com os Wai-Mahsã e também entre si. Essa estrutura cosmológica interliga os Yepa Mahsã entre si hierarquicamente a partir da divisão de irmãos maiores e menores. Tal designação advém também de “tempos míticos”, o qual essa hierarquia, de acordo com as narrativas, fora estabelecida a partir da sequência de saída de seus respectivos representantes da “Canoa da Transformação” (BARRETO, 2012; BARRETO, 2013; FULOP, 2009; NAHURI; KUMARÕ, 2003).

A partir dessa hierarquia, as relações entre os diferentes clãs Yepa Mahsã são caracterizadas, pautadas pelo respeito dos irmãos menores para os irmãos maiores. Essa hierarquia, por sua vez, não só estabelece sua identidade enquanto Yepa Mahsã, mas também a sua personalidade enquanto parte de determinado clã, e não a de um único indivíduo. Dessa maneira, configura-se uma pessoa não individual, mas sim coletiva. Tal pessoa coletiva pode ser notada na própria prática narrativa dos Kihti Ukuse, que trazem as mesmas tramas. Entretanto, cada clã conta de sua maneira, assim como cada clã tem características próprias. Ou seja, as pessoas são identificadas a partir de seus pertencimentos aos clãs e não somente a partir de sua natureza individual.

Em suma, dessas narrativas podemos tirar conteúdos importantes que evidenciam

a a ontologia Yepa Mahsã, a partir dos modos como estes se enxergam, tal como: ligados ao seu criador; vivência a partir dos conhecimentos de Bahsese; partem de um processo de transformação; se relacionam com os Wai Mahsã, compreendendo assim outras categorias de humanos; relações sociais que compreendem também outros patamares de existência; e interligação cosmológica e cosmo-política que constroem personalidades coletivas e não individuais.

### **3.2. Bahsese**

A partir das discussões a respeito do conceito de bahsese durante as reuniões formais do projeto Rios e Redes; as apresentações a respeito do tema pelos colegas Yepa Mahsã antropólogos; e também com as conversas que ocorriam tanto durante a execução de atividades pertinentes ao Projeto Rios e Redes, como também durante a convivência diária. Pôde-se compreender que os Bahsese, ou vulgarmente conhecidos como “benzimentos”, diferente da sua tradução que comumente evoca aos referenciais cristãos, vai além da simples oração. Os Bahsese dizem respeito a uma linguagem ou repertório de palavras e frases, veiculados através do cigarro de tabaco ou do sopro, cujos fundamentos vêm dos Kihti Ukuse. Estes são realizados pelos especialistas (Yai, Kumu e Baya) que passaram desde a infância por uma preparação específica.

Estes especialistas se utilizam do Bahsese em prol da comunidade Yepa Mahsã. Os Bahsese são utilizados para a cura das mais variadas enfermidades que possa acometer os Yepa Mahsã, tanto a nível psíquico quanto físico. Os Bahsese são utilizados também para a assepsia de alimentos, amenizar ou prevenir possíveis conflitos que podem ocorrer entre os Yepa Mahsã, tal como discórdias e tensões que acontecem nas relações entre si, entre outros clãs e também outros grupos. Também media a comunicação entre os Yepa Mahsã e os Wai-Mahsã.

Desse modo, observa-se que os Bahsese são de grande importância para os Yepa Mahsã, visto que para estes significa “Vida”, sendo considerado como fundamental para sobrevivência e manutenção da paz nas comunidades. Em âmbito pessoal, este permite proteção dos “ataques” feitos pelos Wai Mahsã (doenças, ou morte), sanar sofrimentos. No âmbito comunitário, é fundamental para trazer harmonia nas relações entre si, outros clãs, outras sociedades e também com os Wai Mahsã. Nessa comunicação com os Wai Mahsã, os especialistas se utilizam dos Bahsese para: pedir autorização ou apaziguar os Wai Mahsã; para adentrarem e interagirem em seus espaços, de modo que consigam

construir suas edificações, caçar, plantar e colher alimentos; ou até mesmo para se locomover de um espaço para outro. Do contrário, os Yepa Mahsã podem ser acometidos pelos ataques dos Wai Mahsã.

Portanto, os Bahse se podem ser considerados como os instrumentos que permitem os Yepa Mahsã agenciarem de forma prática a sua realidade. Para sua efetivação, os especialistas devem ter um conhecimento aprofundado tanto dos Kihti Ukuse, como também dos ambientes que estão inseridos. Isso porque na prática dos Bahse se é necessário se utilizar das tramas antigas, assim como das classificações aprofundada dos espaços, dos seres, dos alimentos e dos Wai Mahsã.

Além das discussões geradas das reuniões, as próprias atividades de estruturação e construção de material textual a respeito dos três conceitos, se mostravam como importantes momentos que propiciavam um maior entendimento a respeito não só dos Bahse se especificamente, mas também maiores entendimentos a respeito da pessoa Yepa Mahsã. Essas atividades se mostravam como momentos propícios para a tirada de dúvidas e também apreender aspectos que por sua vez podem não ter sido trabalhados efetivamente durante as reuniões. Dentre esses momentos, pode-se elencar a atividade de estruturação de texto que constaria no futuro livro fruto do Projeto Rios e Redes, que permitiu que fossem tiradas dúvidas não só a respeito do que estava escrito sobre o Heriporã Bahse se (“benzimento do coração”), mas também inferir nos Bahse se enquanto o instrumento cultural que insere os Yepa Mahsã na própria cultura. Essa atividade consistia em ler e editar os textos já escritos para se encaixar em um formato de livro, desse modo questões pontuais eram tratadas com os colegas Yepa Mahsã que eram autores dos textos, para a retirada de dúvidas, havendo a abertura para aprofundar aspectos pertinentes a dissertação. Portanto, a partir disso, pôde-se observar que a partir da prática de Bahse se que os Yepa Mahsã são inseridos na estrutura cosmológica de sua cultura, pois a partir do Heriporã Bahse se é que o recém-nascido recebe o seu nome de um repertório limitado nomes. Esse nome é dado a partir da comunicação mediada por Bahse se, comunicação esta que é entre o especialista e seu criador. A partir disso, este está interligado com o seu criador, com o seu clã e com os Yepa Mahsã como um todo, pronto para viver a partir dos mesmos conhecimentos.

Em suma, o conceito cultural de Bahse se, assim como a própria prática destes, traz importantes elementos que contribuem para compreensão psicossocial da pessoa Yepa Mahsã, pois deste conceito pode-se elencar: a interação dos Yepa Mahsã com o

meio em que vivem; as relações sociais com os Wai Mahsã que configuram não só as práticas de vida, mas também a percepção destes a respeito do seu entorno; norteia as concepções de promoção e prevenção de saúde para os Yepa Mahsã; e serve como um fundamental instrumento que insere os recém nascidos a estrutura cosmológica e hierárquica falada anteriormente.

Estes aspectos demonstram que a partir dos Bahsese, os Yepa Mahsã apresentam uma representação dos ambientes à sua volta pautada na relação com os Wai Mahsã. Os diferentes espaços não se configuram apenas como algo material e inerte, mas sim relacional, onde uma árvore não é apenas um recurso que pode ser explorado. É sim algo sagrado, a moradia dos próprios Wai Mahsã e que deve ser respeitada. Nesse sentido, as condutas desenfreadas em relação às árvores, por exemplo, serão passíveis de consequências que podem afetar tanto a nível pessoal como a nível comunitário.

Portanto, os Bahsese, podem ser considerados também como um valioso artefato (instrumento) que possibilita a inserção dos Yepa Mahsã em sua própria cultura, permitindo sua manutenção e reprodução a partir das futuras gerações, que também irão viver a partir dos conhecimentos de Bahsese. Por fim, estes dão à linguagem Yepa Mahsã o atributo de comunicação, interação e agenciamento do entorno que estrutura a conduta e a forma de pensar dos Yepa Mahsã. Fornecem também o sentimento de segurança frente às adversidades que possam vir a surgir, seja por conta dos Wai Mahsã, seja por conta de acontecimentos no seio relacional entre si, entre outros clãs ou outras sociedades.

### **3.3. Bahsamori**

Os dados respeito do Bahsamori, não diferente dos outros conceitos culturais estudados, foram acessados também a partir das discussões nas reuniões formais do Projeto Rios e Redes, das apresentações a respeito do tema; assim como as conversas durante o exercício das atividades pertinentes ao projeto (leitura de materiais textuais frutos do projeto, estruturação de texto junto aos autores); e também as conversas do cotidiano. Permitindo também retirada de dúvidas que surgissem sobre o entendimento destes e também aprendizado de aspectos que podem não ter sido trabalhados no seio das reuniões grupais ou não compreendido pelo pesquisado psicólogo. Portanto, a partir disso compreendeu-se que o Bahsamori contempla tanto a percepção dos Yepa Mahsã acerca da passagem de tempo a partir de um calendário de constelações, como o conjunto dos Poose (festividades e rituais) que ocorrem de acordo com a organização desse calendário.

O entendimento desse calendário fundamenta a compreensão dos Yepa Mahsã a respeito da passagem dos ciclos anuais e as mudanças ambientais que ocorrem. Desse modo, é partir desse entendimento que eles saberão os momentos certos para trabalhar no roçado, pescar e caçar, colher frutas, assim como realizar os Poose.

O Poose diz respeito a essas festividades e rituais que ocorrem em momentos específicos desse calendário de constelações e são organizados pelo Baya, que é considerado como o “mestre das músicas”. O Baya, assim como Kumu e o Yai, traz consigo o entendimento aprofundado a respeito dos conhecimentos Yepa Mahsã. Mas além disso, ele se configura como um perito dos momentos certos de se realizar os Poose, como este deve ser realizado, trazendo consigo também o conhecimento vasto a respeito das músicas, das danças e dos instrumentos musicais.

Portanto, em conversas com os colegas Yepa Mahsã a respeito dos sentidos dados ao bahsamori, fora possível observar que estes podem ser caracterizado como: vida e sobrevivência; confraternização e partilha entre comunidades; momentos de transição; reforço dos laços hierárquicos; momento de passagem e troca dos conhecimentos; autoafirmação enquanto conhecedores e entendedores dos conhecimentos antigos.

A partir disso, entendemos que o Bahsamori traz elementos importantes para a compreensão psicossocial da pessoa Yepa Mahsã. Por ser considerado como “vida e sobrevivência”, diz respeito a passagem dos diferentes ciclos naturais e que marcam também o reforço nas relações harmoniosas entre os Wai Mahsã e os Yepa Mahsã. Nesses diferentes ciclos são realizados Bahseese, que permitem que haja proteção às suas comunidades e que se possam interagir com o entorno sem as ameaças dos Wai Mahsã. Além disso, as próprias práticas dos Poose já servem como mantenedoras do equilíbrio dos ciclos e dos fenômenos naturais, assim como dessa harmonia entre Yepa Mahsã e Wai Mahsã. A realizações dos Poose estrutura toda uma dinâmica social, atribuindo tarefas específicas para os membros das comunidades.

Para que a efetivação dessas tarefas ocorra corretamente, os responsáveis devem estar dentro de pré-requisitos, que consideram idade, gênero e função na comunidade. Consideram também que alguns devem seguir certas dietas alimentares, abstinências sexuais, ou no caso específicos das mulheres, não podem estar em período menstrual, deve ou não ter tido a primeira relação sexual. Estas regras têm os seus fundamentos todos vinculados às tramas antigas dos Kihti Ukuse.

Portanto fora colocado também, pelos colegas Yepa Mahsã, o sentido de

“confraternização e partilha entre as comunidades”, refere-se à percepção de que o Bahsamori representa tanto um momento de descontração e lazer para as comunidades, como também uma celebração à abundância de alimentos ou outros recursos e que são partilhados ora entre os clãs Yepa Mahsã, ora com outros grupos étnicos. Além disso, os Bahsamori são também considerados como “momentos de transições”, dando-se por duas razões: a primeira por simbolizar a passagem dos ciclos; a segunda se trata dos rituais de passagem dos jovens para a vida adulta, que acontecem durante o Poose de frutas e o Poose de peixes.

Os sentidos relacionados ao “reforço dos laços hierárquicos” referem-se à interação dos diferentes clãs que podem ocorrer nos Poose, sendo que nestes a hierarquia de irmãos maiores e menores se mostram evidentes e reforçados. Isso porque os tratamentos para com aqueles clãs convidados se dá em conformidade com a posição que o seu clã ocupa na hierarquia. Desse modo, os membros de um determinado clã mostram os sinais de respeito com aqueles que fazem parte de clãs acima do seu na hierarquia.

Os Poose também são considerados “momentos de passagem e troca de conhecimentos”, pois estes servem também para que as comunidades se encontrem e propicie que os conhecedores da cultura Yepa Mahsã juntos pensem, verbalizem e escutem os conhecimentos um dos outros, de modo que haja uma troca entre estes. Em tais momentos de passagem e trocas de conhecimentos, os conhecedores “expandem suas mentes” e/ou acessam o plano dos Wai Mahsã, a partir do uso do cigarro, ipadu e também do Kahpi. O Ipadu e o Kahpi, principalmente apresentam substâncias psicoativas que altera o estado de consciência daqueles que consomem, de modo que para os Yepa Mahsã, significa que estes estão juntos rememorando os tempos antigos, assim como adentrando no patamar de existência dos Wai Mahsã e assim aprendendo com os mesmos e também com os seus antepassados.

Entretanto, os Poose mesmo sendo um momento de confraternização e harmonia e de troca de conhecimentos, também são considerados como momentos conflituosos, pois nos Poose é colocado a prova se aqueles que se dizem conhecedores de fato dominam os conhecimentos Yepa Mahsã. Esses conhecedores recitam um para o outro as histórias de origem dos Yepa Mahsã, assim como todo o trajeto de transformação que estes passaram, até os momentos atuais, no intuito de provar que são conhecedores e que dominam esses conhecimentos. Assim, aqueles que os dominam não só conseguem prestígio para si, mas também para o seu clã, e assim são respeitados e bem vistos,

contribuindo assim para sua autoafirmação.

A partir do que fora exposto aqui, entendemos que o Bahsamori permite visualizar importantes elementos que contribuem ao entendimento da pessoa Yepa Mahsã, tais como: constante tarefa de manter a harmonia com os Wai Mahsã; manter o equilíbrio dos ciclos e dos fenômenos para poder sobreviver; partilhar dos recursos a partir dos Poose como principal ferramenta. Além disso, a partir do Bahsamori, compreendemos que a conduta dos Yepa Mahsã com o mundo à sua volta está toda fundamentada nas tramas antigas que constam nos Kihti Ukuse, e a quebra destas de algumas regras sociais, como já fora dito, podem trazer consequências que podem afetar toda a comunidade.

Outro ponto importante a se considerar é o reforço das estruturas hierárquicas advindas dos tempos míticos, que são demonstrados durante os Poose. Assim, a partir dos conteúdos presentes no Bahsamori, o conhecimento acerca da própria cultura se mostra como um fator imprescindível para a sua autoafirmação, especialmente ao detentores e conhecedores desses conhecimentos, e assim serem respeitados pelos seus pares.

#### **3.4. Dialogos entre a cultura Yepa Mahsã e a Psicologia Macro Cultural: reflexões de Psicologia e Povos indígenas**

A partir dos resultados apresentados acima, observamos que os conceitos culturais Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori são importantes aspectos que trazem contribuições para o fazer de uma Psicologia que alcance os povos indígenas. Desse modo, no intuito de compreender a da pessoa Yepa Mahsã a partir de um viés psicossocial, utilizamos a dinâmica entre processos psicológicos e aspectos macro culturais proposta pela Psicologia Macro Cultural. Para tanto, levando em consideração os três aspectos macro culturais (os conceitos culturais, os artefatos e as instituições) e de que modos estes se articulam para o entendimento desta.

É válido ressaltar que por instituições não se está considerando o conceito atrelado a uma estrutura física institucional externa e independente das pessoas, mas sim como o conjunto de relações sociais que se repetem e se legitimam. Essa legitimação acontece em ato, a partir do reconhecimento de que essas relações sociais são óbvias e encaradas com naturalidade por aqueles que a vivenciam. Assim, a instituição aqui é encarada como uma construção da ação das pessoas em determinada figuração social, que a reproduz e a legitima (GUIRADO, 2009).

Portanto, pode-se compreender que dos três conceitos culturais estudados para

compreender a pessoa Yepa Mahsã, os Kihti Ukuse se configuram como fundamental para tal, pois estes trazem as referências que irão pautar as práticas de Bahsese e Bahsamori. Além disso, como já fora dito, este traz os referenciais que os Yepa Mahsã precisam para compreenderem não só a sua ontologia, mas também o mundo e os fenômenos à sua volta. Desse modo, os conceitos culturais latentes que estão no conjunto das narrativas são conceitos instituídos na cultura Yepa Mahsã. Estes são transmitidos oralmente dos mais velhos para os mais jovens de modo gradativo e simplificado, de modo a reproduzir e legitimar as práticas sociais da cultura Tukano. A partir do momento que o/a jovem vai crescendo e/ou seguir o caminho de especialista nesses conhecimentos, ele/ela vai sendo apresentado para estes de modo mais profundo, inserindo-o assim na cultura.

Essa inserção também dá ao Yepa Mahsã os referenciais necessários que fundamentarão os próprios processos psicológicos que este vive no seio do seu contexto cultural. Temos um exemplo: muitas das mazelas que acometem não só os próprios Yepa Mahsã, mas também outros povos, são vistas muitas vezes como conflitos nas relações entre as pessoas desse patamar de existência com os Wai Mahsã em outro.

Desses processos podemos mencionar também a própria relação com os Wai Mahsã, que engendram sentimentos de medo e respeito próprios de sua cultura. Isso está no cerne de uma série de comportamentos e condutas na relação e interação com o ambiente a sua volta, e com os seus pares. Dentre estes comportamentos e condutas perante essas relações, encontram-se os Bahsese e Bahsamori, que são concomitantemente instituições, conceitos culturais e artefatos. Além de serem formas de lidar com o ambiente a sua volta, também dão sentido à sua vivência nesse patamar de existência. E se apresentam como reforços e formas de perpetuar os modos de se autoperceberem.

Os Bahsese se mostram como prática fundamental para os Yepa Mahsã, pois é um instrumento que media as relações entre os Yepa Mahsã e Wai Mahsã, assim como serve como comunicação entre os próprios Yepa Mahsã e também a limpeza dos alimentos. Além disso, é a partir da prática de Bahsese que o recém-nascido é inserido na sua cultura, recebendo seu nome, passa a ser interligado com o seu criador, com o seu clã e com os Yepa Mahsã como um todo. Isso o torna apto também para praticar os próprios bahsese, pois essa vivência por meio dos Bahsese só pode ser realizada a partir dessa ligação. A partir deste ritual, o recém-nascido passa a vivenciar a própria ontologia Yepa Mahsã.



Os Bahsamori, por sua vez, reforçam e legitimam não só os conceitos e práticas culturais ligadas aos Kihti Ukuse, mas também dos Bahsese, pela própria relação com os Wai Mahsã. O Bahsamori traz a percepção de cada ciclo a partir da disposição das constelações e os comportamentos que devem ser tomados a ponto de assegurar a harmonia com os Wai Mahsã. E reforça os laços hierárquicos trazidos nas antigas narrativas e a harmonia na vida coletiva.

Desse modo, o reforço e a legitimação desses conceitos culturais, assim como a construção e também perpetuação de processos psicológicos próprios, também são realizados a partir dos diversos artefatos próprios da cultura dos Yepa Mahsã. De acordo com Miller (2003), os artefatos consistem nos significados aos quais é dada forma concreta e material, sendo que estes, em sua materialidade, implicam intimamente no processo cultural. De acordo com Ratner (2013), os artefatos na proposta da Psicologia Macro Cultural se mostram como importantes mediadores que auxiliam na identificação da essência cultural nos processos psicológicos. Desse modo, dentre o vasto repertório de artefatos da cultura Yepa Mahsã, foram identificados estes abaixo que auxiliaram no entendimento psicossocial da pessoa Yepa Mahsã, cuja utilização traz simbolismos importantes que reforçam o modo desses de se autoperceberem:

- O uso do cigarro (muroro) – o uso do cigarro de tabaco significa dar continuidade à criação do mundo e da história dos Yepa Mahsã, estando em sintonia com os outros patamares de existência e também com os seres vivos desses.
- O uso do Ipadu – Consiste em um pó feito a partir da folha de coca, que tem como significado a distribuição de saberes no meio comunitários; este pode significar também um forte vínculo entre irmãos.
- As pinturas corporais dos Poose servem tanto como atrativo sexual, como também para proteção contra os ataques do Wai Mahsã.
- As músicas e as danças irão organizar os momentos dos Poose e também reviver as práticas de cantorias dos seus ancestrais, que também estão previstas nos Kihti, como um modo de viver e rememorar os feitos que constam nas narrativas. O conhecimento destas músicas e de como realizar os Poose dá prestígio à imagem do detentor deste conhecimento.
- Os adereços de plumagens vão além de indumentárias. São considerados também morada dos Wai Mahsã, devendo ser manejado com cuidados e também propiciam o reforço e legitimação para os conceitos culturais institucionalizados.

Reforçam a pessoa Yepa Mahsã a partir da constante relação com os Wai Mahsã.

Desse modo, observa-se que cada um desses artefatos apresenta significados que constata a reprodução prática dos conceitos culturais expostos na noção de pessoa dos Yepa Mahsã. Estes reforçam e legitimam os aspectos relacionados: ao constante contato com os Wai Mahsã e por consequência a relação constante também com outros patamares de existência; à vivência a partir das práticas de Bahsese; à inserção em uma estrutura cosmológica hierárquica e cosmo-política, a partir da divisão dos clãs; a uma personalidade que se caracteriza não como individual, mas sim como coletiva; e também como perpetuadores e detentores dos conhecimentos a respeito de sua cultura, que lhes dá prestígio e autoafirmação. Portanto a partir, dos dados expostos observa-se que os elementos propostos nos Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori são conceitos aos quais o Yepa Mahsã se utilizam para dar sentido a sua vivência no mundo, e por meio da sua vivência a partir destes, são legitimados e passados de geração em geração.

A partir dos aspectos apresentados, entendemos que a pessoa Yepa Mahsã difere significativamente dos pressupostos que sustentam a Psicologia hegemônica. De acordo com Allwood e Berry (2006), a Psicologia se configurou para entender comportamentos complexos que emergiram das sociedades europeias e americanas. Tais comportamentos, de acordo com os autores, têm fortes raízes na filosofia religiosa judaico-cristã e têm seus pressupostos tradicionais fincados nos pensamentos greco-romanos. Esse pode ser considerado um dos aspectos que dificulta uma aproximação da Psicologia junto aos povos indígenas, de modo que algumas categorias utilizadas podem vir a reduzir ou até ignorar muitos das referenciais culturais de determinada sociedade indígena. Assim sendo, tanto o pensamento ocidental como o pensamento advindo dos indígenas são perspectivas distintas que devem ser pensadas a partir de uma horizontalidade, não havendo uma hierarquia entre ambas (RATNER, 2008).

Compreendemos ainda que a cultura dos Yepa Mahsã, a partir da relação com outros tipos de humanos, e considerando outros patamares de existência que coexistem e se influenciam, permitem que estes enxerguem os variados ambientes à sua volta não apenas como inerte, mas como ambientes vivos e relacionais. Isso dá ao próprio conceito de “Psicossocial” exposto nesse trabalho um sentido diferenciado, pois considera aqui que as relações que constroem a pessoa não acontecem em um único patamar de existência e muito menos em um ambiente inerte. Mais além, aqui se expõem uma construção de pessoa que está intimamente ligada com a relação com esses seres

invisíveis, que vão fundamentar todo um modo de perceber e sentir não só o mundo, mas a si mesmo.

Por fim, a pessoa Yepa Mahsã pode ser compreendida como os perpetuadores e continuadores das gerações passadas, o qual o viver a partir de seus conhecimentos e estando consciente destes os faz se auto-perceberem como Yepa Mahsã. Para eles, o significado de ser Tukano está intimamente atrelado ao saber de quem são e de onde vieram, partindo disso para agenciar o seu presente. Estão assim em pleno movimento, porém vivendo a partir dos seus conhecimentos antigos, que se manifestam simbolicamente a partir das expressões de Bahsese e Bahsamori. Ao lançar mão dos Bahsese, eles não só se comunicam com os seus antepassados, mas também com sua coletividade. Além disso, a partir dos Bahsese de proteção eles tiram os recursos necessários para continuarem em movimento e não pararem sua caminhada.

Os Bahsamori igualmente permitem que estes reforcem não só os seus laços coletivos, mas também a sua autoafirmação enquanto conhecedores dos seus conceitos culturais. Além disso, nos Bahsamori, ao festejarem a passagem dos ciclos naturais, e também dos próprios ciclos de amadurecimento da pessoa, deixam evidente essa incessante caminhada. Em suma, os Yepa Mahsã constituem a sua pessoa a partir do seu constante movimento e transformação, movimento este que começaram juntos no Lago de Leite, passando pelas Casas de Transformação e parando na Cachoeira de Ipanoré, e assim vêm continuando até hoje.

Desse modo, a a pessoa Yepa Mahsã explicita não só a especificidade cultural de um povo indígena em si, mas também uma ontologia complexa que interliga pessoa, uma ideia de coletividade que considera outros patamares de existência e outros tipos de humanos, além da vida imersa numa natureza viva e relacional. Apesar dessa especificidade, segundo alguns dos referenciais tradicionais da Psicologia se poderia considerar a maneira de um Yepa Mahsã se comportar como desviante, tomando como parâmetros os padrões de normalidade estipulados pelas sociedades dominantes. Portanto, o fazer de uma Psicologia contextualizada pode fornecer uma diferente perspectiva e também poderá conferir um novo entendimento acerca dos seres humanos e até da própria humanidade (ALLWOOD; BERRY, 2006).

### 3.5. Conclusão

O estudo de Psicologia junto a povos indígenas no Brasil, ainda que crescentes são poucos, se comparados com as tendências encontradas nos contextos internacionais. No Brasil os estudos nessa temática passaram a ser mais expressivos a partir dos anos 2000 apenas. Nos contextos internacionais, estudos de Psicologia acerca dos povos nativos de diferentes regiões são realizados desde os anos 1960, se consolidando como uma tradição de pesquisa.

No contexto amazonense especificamente, mesmo tendo um alto índice populacional de populações indígenas autodenominadas, ainda assim são poucas as pesquisas a respeito dessas. Os estudos voltados à temática indígena são em sua grande parte da advindo das regiões Sul e Sudeste. Algumas hipóteses podem ser levantadas a respeito da pouca produção de trabalhos voltados a essas áreas: o primeiro diz respeito aos traços da depreciação historicamente construída acerca dos povos indígenas, dos caboclos e da cultura da floresta; e a formação dos profissionais em Psicologia na região Norte, em especial do estado do Amazonas, que não problematiza a necessidade de se pensar em epistemologias psicológicas que alcancem as realidades indígenas.

Portanto, a realização de estudos de Psicologia que alcancem os povos amazônicos não deve acontecer apenas por conta do baixo número de produções, mas também para garantir que sejam produzidas epistemologias psicológicas que alcancem efetivamente a cultura indígena. A Psicologia hegemônica, por conta de seus referenciais culturais, pode vir a submeter outras culturas às suas categorias de processos psicológicos, reforçando ou criando estigmas e estereótipos discriminatórios. Assim, é necessário fazer Psicologias que valorizem as diversidades culturais, garantindo que esses povos gozem efetivamente dos direitos descritos na Constituição de 1988.

Nesse trabalho, ao se trabalhar com a cultura Yepa Mahsã no intuito de compreender como os três conceitos apresentados auxiliam no entendimento psicossocial da pessoa Yepa Mahsã, procuramos epistemologias que pudessem auxiliar nessa empreitada. A partir de várias procuras encontramos os aportes teóricos tanto da Indigenous Psychology como da Psicologia Macro Cultural. Ambas trazem aspectos epistemológicos importantes que fundamentaram a coleta e análise dos dados nesse trabalho. A Indigenous Psychology, pela valorização do discurso daqueles que vivenciam a cultura e como compreendem a própria construção psicossocial. E a Psicologia Macro Cultural, a partir da dinâmica entre os processos psicológicos e os aspectos macro

culturais, permitiu compreender como os conceitos de Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori influenciavam nesse processo psicossocial.

Ressaltamos, porém, ao utilizar a Psicologia Macro Cultural encontramos algumas possíveis limitações, especialmente no entendimento de “Instituições” como aspecto macro cultural. O conceito de instituição trazido nessa proposta diz respeito a estruturas institucionais físicas, tais como igrejas, escolas e assim por diante, com suas respectivas práticas sociais. Esse nos pareceu um conceito de instituição próprio de sociedades urbanas, que não se encaixa adequadamente no contexto cultural dos Yepa Mahsã. Desse modo, para sanar esse aspecto fora utilizado o conceito de instituição que é encarada como uma construção da ação das pessoas em determinada figuração social, que institui, reproduz e legitima práticas sociais (GUIRADO, 2009).

Além disso, o trabalho coletivo junto aos antropólogos indígenas e não indígenas, enquanto membro psicólogo ativo da equipe de pesquisadores, propiciou uma grande contribuição tanto para um entendimento parcial da cultura Tukano, como também para refletir o papel do pesquisador no cotidiano. Desse modo, muitas das vezes as conversas informais do dia a dia durante o trabalho no projeto Rios e Redes, e também o contínuo exercício de produzir materiais textuais acerca da temática, auxiliaram nas apreensões da cultura Yepa Mahsã e foram imprescindíveis para as análises dos dados. Esse tipo de aproximação junto ao objeto de estudo permitiu que não se estabelecesse papéis pré-definidos tais como observador distante, ou observador participante de um lado e, do outro, o participante ou informante. Nesse trabalho de reflexividade acerca da cultura Yepa Mahsã, a relação estabelecida entre todos os membros da equipe foi de uma troca entre pensadores que permitiu a construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos.

De modo geral, não se pretende com esse trabalho que a conceituação do Bahsese, Bahsamori e Kihti Ukuse deem conta de um cânone a respeito de uma leitura psicossocial dos Yepa Mahsã, e muito menos de um estudo psicológico de toda essa cultura. Por outro lado, essas categorias são de grande importância para a Psicologia, pois os aspectos apresentados que dizem respeito à noção de pessoa na ótica Yepa Mahsã evidenciam fortemente um traço da diversidade humana e cultural.

A partir dos aspectos culturais apresentados, observamos que os Yepa Mahsã trazem uma ontologia complexa, que a partir da relação com os seus pares, com o ambiente, com os Wai-Mahsã e também com o seu criador, configuram regras, normas sociais, conceitos

de saúde e doença. Além disso, possibilita que reflitamos na necessidade da criação de Psicologias abertas a tais diversidades. A Psicologia enquanto ciência muitas vezes traz uma visão que nega a particularidade dos povos indígenas, utilizando categorias psicológicas que não abarcam as características dessas sociedades. Assim sendo, procuramos neste trabalho compreender um psicossocial que considera a formação da pessoa a partir de relações sociais que ocorrem em diferentes patamares de existência, outros tipos de humanos e seres em um ambiente vivo e relacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste trabalho permitiu que muitos dos conceitos aprendidos na academia fossem problematizados e também até descentralizados. Desde a inserção numa faculdade de Psicologia e num programa de pós-graduação em Psicologia, aprendemos categorias que consideramos verdades absolutas e muitas vezes caímos nas armadilhas de considerar que todas as sociedades partem da mesma leitura que aprendemos. A partir do estudo da cultura dos Yepa Mahsã, do estudo bibliográfico realizado a respeito dos contextos nacionais e internacionais, e também das leituras a respeito das abordagens das Psicologias da cultura, foi possível chegar a interessantes reflexões.

A primeira diz respeito à pouca quantidade de estudos e quão são escassas as referências de Psicologia e povos indígenas no Brasil. Entretanto, é importante ressaltar que estes têm sido crescentes. Nosso estudo bibliográfico trouxe suas limitações, por ter um determinado recorte temporal (2010-2015) e por não abarcar de forma integral o universo de produções na temática ao redor do mundo. Porém nos deu indícios de tendências seguidas em outros países desde a década de 1960, enquanto aqui no Brasil só se passou a falar dessa temática a partir dos anos 2000. Desse panorama, tornou-se possível refletir o quão a ciência brasileira, mais especificamente a psicológica em boa parte de seu desenvolvimento histórico, fez parte e reforçou esses processos de invisibilização do indígena.

Outro ponto a se problematizar relaciona-se ao fato das faculdades de Psicologia de Manaus, em sua maioria apresentam apenas algumas aulas, e não disciplinas, que trazem a temática indígena ou até mesmo do fazer de Psicologias contextualizadas nessas comunidades. E quando o fazem são matérias pontuais. Isso traz uma certa ironia, pois o Amazonas é a região com o maior índice populacional de comunidades indígenas autodeclaradas. Portanto, a cultura indígena é presente no contexto amazonense e pouco se fala a respeito. Isso também pode evidenciar a própria cultura de desvalorização das identidades indígenas brasileiras.

Desse modo, o pressuposto trazido pela Psicologia Macro Cultural, assim como a própria Psicologia Indígena, acerca da relativização dos pressupostos universais das Psicologias de referencial puramente eurocêntrico, pode ser alternativo viável para compreender que os processos psicológicos têm em seu cerne a cultura, e esta também é construída e reproduzida pelos processos psicológicos. É importante que seja

compreendido que a Psicologia que aprendemos na universidade e suas categorias também são indígenas/nativas, de sociedades europeias alicerçadas na filosofia greco/romana e nos referenciais judaico cristãos, podendo não se adequar em outras figurações culturais.

Outro ponto que vimos, durante as coletas de material para análise, esteve relacionado à pessoa Yepa Mahsã em interface com a cultura europeia cristã. Observamos que por conta do longo histórico de contato com a catequização salesiana no alto rio Negro, algumas mudanças substanciais podem ter ocorrido na forma como os Kihti Ukuse passaram a ser vistos, nas práticas de Bahsese e Bahsamori, assim como na formação dos especialistas (Kumu, Yay e Baya). A partir desse contanto inter-cultural, podem ter se apresentados novos modos de vivenciar o mundo a sua volta. Entretanto, esses aspectos não puderam aqui ser aprofundados, pois tratamos da construção psicossocial Yepa Mahsã a partir do que é trazido pelos três conceitos, sem considerar essas possíveis mudanças trazidas pelo contato.

Além disso, há também o contato do Yepa Mahsã com o contexto urbano. Apesar da vida de muitos deles serem atualmente nas cidades, eles ainda se sentem ligados ao seu coletivo e ao seu território. Mas de alguma maneira a vida urbana tem interferido também na dinâmica de sua cultura, o que não contemplamos em nosso estudo. Vale ressaltar, porém, que o fato deles estarem nas cidades e em contato com o “branco”, para se aprofundarem nos conhecimentos deste último, faz parte de uma decisão do coletivo Yepa Mahsã que pode vir a beneficiá-los. Para ajudá-los a se reconhecerem enquanto Tukano, os elementos pressupostos nos Kihti Ukuse, Bahsese e Bahsamori se apresentam como importantes conhecimentos que fortalecem os aspectos singulares e coletivos da pessoa Yepa Mahsã, mesmo nesse contexto urbano.

Tais reflexões só foram possíveis de serem realizadas a partir do contato com a cultura dos Yepa Mahsã. A partir dos Kihti Ukuse, dos Bahsese e Bahsamori, tiramos importantes contribuições para o fazer de Psicologias que abarquem os povos indígenas. Dentre estas está a própria ideia de pessoa enquanto sendo as próprias relações sociais. Vimos no caso dos Tukano que as relações que ocorrem entre os diferentes tipos de humanos nos diferentes planos de existência, e como estes fundamentam os modos de existir, dão ao psicossocial um atributo a mais. O outro que a pessoa se relaciona e assim se constitui é também aquele que habita em outro patamar de existência e também nos diferentes ambientes ao seu redor. Essas relações se pautam em percepções e



representações a respeito da relação com o entorno. Isso caracteriza um processo psicossocial localizado no espaço. Mais do que isso, são processos que acontecem num ambiente que não é inerte de vida, mas sim vivo e relacional, sendo por isso elemento ativo na construção da pessoa Yepa Mahsã.

Por fim, a partir desse trabalho pode-se apontar algumas questões relacionadas ao futuro dos estudos de psicologia voltado aos povos indígenas. No âmbito acadêmico, torna-se urgente para a Psicologia brasileira, mais especificamente a amazonense, a necessidade de mais disciplinas que abordem as realidades amazônicas de modo mais efetivo. Ao invés de se acomodar em disciplinas tímidas a respeito, por exemplo, da histórica amazônica. Outro de grande importância é que haja um diálogo mais efetivo entre a Psicologia e Antropologia, dado que esta última traz uma experiência maior em estudos com povos indígenas, diálogo com esse que pode ser de grande importância para evidenciar os vícios discursivos e até mesmos posturas coloniais da própria Psicologia. Esse diálogo pode ser benéfico até para a própria antropologia, no intuito de mostrar que há um interesse da Psicologia em alcançar os povos indígenas sem subjuga-los em padrões de “normalidades” e categorias patológicas.

Outro ponto importante, é justamente a necessidade de se trabalhar com os acadêmicos de Psicologia a descentralização dos pressupostos dados como hegemônicos, oferecendo os pressupostos clássicos da Psicologia, porém de modo crítico e que reconheça que estes são constructos de determinadas sociedades e não são universais. Apresentando também abordagens que visem a horizontalidade cultural, o qual os processos e fenômenos psicológicos se diferenciam a partir da cultura.

Além disso, se faz necessário que nessas transformações os próprios indígenas estejam envolvidos, pois a Psicologia traz importantes conhecimentos que por sua vez podem ser de grande utilidade para os povos indígenas, e estes são de grande auxílio para o fazer de Psicologias para as diversidades humanas, pois a Psicologia tem muito a aprender com as sociedades indígenas.

## REFERÊNCIAS

- ALLWOOD, C. M; BERRY, J. W. Origins and development of indigenous psychologies: an international analysis. **International Journal of Psychology**, v. 4, n. 41, p. 243-268, 2006.
- ALLEN, J. et.al. People Awakening: Collaborative research to develop cultural strategies for prevention in community intervention. **American Journal of Community Psychology**, v. 54, p. 100-111, 2014.
- BAUER, M. W(Ed); GASKELL, G(Ed). Tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- BARRETO, J. R. R. **Formação e transformação de coletivos indígenas do noroeste Amazônico: do mito à sociologia das comunidades**. Manaus, dissertação de mestrado/PPGAS – UFAM, 2012.
- BARRETO, J. P. L. **Wai-Mahsã: peixes e humanos, um ensaio de antropologia indígena**. Manaus, dissertação de mestrado/PPGAS – UFAM, 2013.
- BERNI, L. E. V. Percepções sobre os encontros interdisciplinares. In: CRP-SP (Org.). **Psicologia e povos indígenas**. São Paulo: CRP-SP, 2010. p. 10-34
- BRAGA, C. F; CAMPOS, P. H. F. Invisíveis e subalternos: as representações sociais do indígena. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 499-506, 2012.
- CALEGARE, M. G. A. Abordagens em Psicologia Social e seu ensino. **Revista Transformações em Psicologia**, v.3, n.5, p.30-53, 2010.
- CANILAO, N. P; DIAS, A. B. M; FLORENDO, N. B; RAMOS, T. S; MENDONZA, L. S. Indigenous psychologies and critical-emancipatory psychology. In: PARKER, I (ED). **Handbook of Critical Psychology**, Routlege, New York, NY, 2015, p. 356-365.
- DAZINGER, K. Universalism and Indigenization in the history of modern psychology. In: BROCK, A. C (Ed). **Internationalizing the history of psychology**. New York: University Press, 2006. p. 208-225.
- DELMONDEZ, P. & PULINO, L. H. C, Z. Sobre identidade no contexto da educação escolar indígena. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 632-641, 2014.
- ESTEBAN, M; RATNER, C. História, conceptos fundacionales y perspectivas contemporâneas em Psicologia. **Revista de História de la Psicología**, v. 31, n. 2-3, p. 117-136, 2010.
- FERREIRA, M. C. et.al. Unraveling the mystery of Brazilian Jeitinho: a cultural exploration of social norms. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 38, n. 3, p. 331–344, 2012.
- FREITAS, M. F. Q. Psicologia na comunidade, Psicologia da comunidade e Psicologia

(Social) comunitária: práticas da Psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil. In: CAMPOS, R. H. F. **Psicologia Social Comunitária** – da solidariedade à autonomia. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. P. 54-80

FULOP, M. Traduzido por Pe. Casimiro Beksta. **Aspectos da cultura Tukano – Cosmogonia e mitologia**. Faculdade Salesiana Dom Bosco, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

GUARESCHI, P. O mistério da comunidade. In: SARRIERA, J; SAFORCADA, E (Org). **Introdução a Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Editora Sulina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. P. 13-23.

GUIRADO, M. Psicologia Institucional: o exercício da Psicologia como Instituição. **Interação em Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 323-333, 2009.

GUIMARÃES, D. S. Amerindian anthropology and cultural psychology: crossing boundaries and meeting otherness' worlds. **Culture & Psychology**, v. 17, n. 2, p. 139-157.

\_\_\_\_\_. A Psicologia e a questão indígena no Brasil. In: CRP-SP (Org.). **Povos indígenas e Psicologia: a procura do bem viver**. São Paulo: CRP-SP, 2016. P.178-188.

GONE, J.P; TRIMBLE. J.E. American Indian and Alaska Native mental health: diverse perspectives on enduring disparities. **Annual Review of Clinical Psychology**, v. 8, p. 131-160, 2012.

GOODKING, J. et.al. Feasibility, acceptability and initial findings from a community-based cultural mental health intervention for American Indian youth and their families. **Journal of Community Psychology**, v.40, n. 4, p. 381-405, 2012.

GREENFEILD, P. M. Three approaches to the psychology of culture: where do they come from? Where can they go?. **Asian Journal of Social Psychology**, v.3, p. 223-240, 2000.

GRUBITS, S.; FREIRE, H. B. G.; NORIEGA, J. A. Suicídio de jovens Guaranis Kaiowaas de Mato Grosso do Sul, Brasil. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 31, n. 3, p. 504-513, 2011.

GRUBITS, S. Mulheres Indígenas brasileiras educação e políticas públicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 116-121, 2014.

HARTMANN, W.E., GONE, J.P. incorporating traditional healing into an urban America Indian health organization: a case study of community member perspectives. **Journal of Counseling Psychology**, v. 59, n. 4, p. 542-554, 2012.

HUGH-JONES, C. Social Structure. In: HUGH-JONES, C. **from the Milk River: Spatial and temporal processes in Northwest Amazonia**, Cambridge University Press, New York, USA, 2007. P. 13-14.

HWANG, K. K. Cultural System vs Pan Cultural Dimensions: Philosophical Reflection on Approaches for Indigenous Psychology. **Journal for the theory of social behavior**, v.45, n. 1, p. 2-25, 2014.

\_\_\_\_\_ Way to Capture Theory of Indigenous Psychology. **National Academy of Psychology**, India, v.2, n 55, p. 96-100, 2010.

INGOLD, T. Introduction to culture. In: INGOLD, T. (Ed). **Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life**. Taylor & Francis e-library, 2003.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Tukano**, 2002. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/tukano/1500>> Acesso em: Nov/2016.

JAHODA, G; KREWER, B. History of Cross-Cultural and Cultural Psychology. In: BERRY, J. W; POORTINGA, Y. H; PANDLEY, J (Eds.). **Handbook of cross-cultural psychology: theory and method**. v.1. 2. Ed. Needham Heights, US: Allyn & Beacon, 1997.

JESUS, C. S. Brincadeiras de crianças Mbyá-Guarani no urbano: reflexões acerca da antropologia e da Psicologia da Educação. **Revista do Centro da Educação**, v. 35, n. 1, p. 111-124, 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117116990009>> Acesso em: Abr/2016.

KENYON, D. B., & CARTER, J. S. Ethnic identity, sense of community, and psychological well-being among Northern Plains American Indian youth. **Journal of Community Psychology**, v. 39, n. 1, p. 1-9, 2011.

KIM, U; YANG. K. S; HWANG, K. H. Contributions to indigenous psychology and cultural psychology: understanding people in context. In: KIM, U.; YANG. K. S; HWANG, K. H. (Eds.), **Indigenous and cultural psychology: Understanding people in context**. New York: Springer, 2006. p. 3-25.

KUO, B. C. H; HSU, W. S; LAI, N. H. Indigenous crisis counseling in Taiwan: An exploratory qualitative case of study of an expert therapist. **International Journal for the Advancement of Counselling**, v. 33, p. 1-21, 2011.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In: LANE, S. T. M; CODO, W (Eds.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984. P.10-19.

LACERDA JR, F. **Psicologia para fazer uma crítica?** Apologética, Individualismo e Marxismo em Alguns Projetos Psi. Tese (Doutorado), Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Campinas, PUC-Campinas, 2010. 394p.

LEO, D. et.al. Mental disorders and communication of intent to die in indigenous suicide cases, Queensland, Australia. **Suicide and life-Threatening Behavior**, v. 42, n. 2, p. 136-146, 2012.

LUCIANO, G. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006. 233p. (Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes n. 1). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

MACIEL, S. C., OLIVEIRA, R. C. C., & MELO, J. R. F. Alcoolismo em indígenas potiguara: representações sociais dos profissionais de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 1, p. 98-111, 2012.

MARQUES, F. D; SOUSA, L. M; VIZZOTTO, M. M; BONFIM, T. E. A vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbyá. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, SP, v. 27, n. 2, p. 415-427, 2015.

MARTINS, E; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos de Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 63-76, 2004.

MILLER, D. Artefacts and the meaning of things. In: INGOLD, T. (Ed). Companion Encyclopedia of Anthropology: Humanity, Culture and Social Life. Taylor & Francis e-library, 2003.

MITCHELL, M; EVERY, D; RANZIUN, R. Everyday antiracism in interpersonal contexts: constraining and facilitating factors for “speak up” against racism. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 21, p. 329-341, 2011.

MOHATT, N.V. et.al. Assessment of awareness of connectedness as a culturally based protective factor for Native American youth. **Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology**, v. 17, n. 4, p. 444-455, 2011.

NÃHURI (AZEVEDO, M); KUMAÕ (AZEVEDO, A. N). **Dahsea Hausirõ Porã Ukushe Wiophehase Merã Bueri Turi:** Mitologia Sagrada dos Tukano Hausirõ Porã. São José AM, União das Nações Indígenas do Rio Tiquié: São Gabriel da Cachoeira, FOIRN, 2003.

OLIVEIRA, L. D. **Ypotramaé:** uma compreensão junguiana da iniciação do Pajé. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, São Paulo, 2012.

OJELADE, I. I. et.al. Use of indigenous African healing practices as a mental health intervention. **Journal of Black Psychology**, v. 40, n. 6, p. 491-519, 2014.

PARKER, I. Psicología Crítica: Qué es y que no es? **Revista de Psicología Venezolana de Psicología Clínica Comunitaria**, n.8, p. 139-159, 2009.

RATNER, C. **Cultural Psychology, Cross-Cultural Psychology and indigenous Psychology.** New York: Nova Science Publishers, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cultural Psychology, Cross-Cultural Psychology and indigenous Psychology.** New York: Nova Science Publishers, 2013.

\_\_\_\_\_. **Macro Cultural Psychology** – A political Philosophy of mind. New York: Oxford University Press, 2012.

ROSA, A. C. S. **Civilizados, Bárbaros e Selvagens**, 2014. Disponível em: <https://www.transcend.org/tms/2014/03/portugues-civilizados-barbaros-e-selvagens-2/>. Acesso em: 02 de jul. 2015.

SPINK, M. J. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, SP, v. 19, n. 1, p.7-14, 2007.

SPINK, P. K. O Pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, SP, v. 20, p. 70-77, 2008.

SÁ, L. C. M. **O simbolismo da morte na mitologia indígena brasileira: uma abordagem Junguiana**. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – Núcleo de Estudos Junguianos, São Paulo. 2011.

SINHA, D. Indigenizing Psychology. In: BERRY, J. W.; POORTINGA, Y. H.; PANDLEY, J. (Eds.). **Handbook of cross-cultural psychology: theory and method**, Needham Heights, US: Allyn & Beacon, 1997. p. 129-170.

SILVA, A. B. A. **A civilização indígena do Uaupés**. ed 1. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1962.

SOMMERS, J. M. et.al. Young indigenous Australians' sexuality transmitted infection prevention practices: a community-based participatory research project. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 22, p. 519-532, 2012.

SMITH, P. B. et al. How distinctive are indigenous ways of achieving influence? A comparative study of Guanzi, Wasta, Jeitinho, and pulling strings. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 43, n.1, p. 135–150, 2012.

SPERING, M. **Current Issues in Cross-Cultural Psychology: Research Topics, Applications, and perspectives**. 2001. Disponível em: [http://www.psychologie.uniheidelberg.de/ae/allg\\_en/mitarb/ms/cross-cultural%20psy.pdf](http://www.psychologie.uniheidelberg.de/ae/allg_en/mitarb/ms/cross-cultural%20psy.pdf). Acesso em out/2016.

STOCK, B. S. **A alegria é a prova dos nove: O devir-ameríndio no encontro com o urbano e a Psicologia**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, RS, Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_; FONSECA, T. M. G. Para desacostumar o olhar sobre a presença indígena no urbano. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n.2, p. 282-287, 2013.

STUART, J; JOSE, E. P. The protective influence of family connectedness, ethnic identity, and ethnic engagement for New Zeland Maori adolescents. **Developmental Psychology**, v. 50, n.6, p. 1817-1826, 2014.

TEIXEIRA, L. C. Histórico das ações realizadas pelo CRP-SP. In: CRP-SP (Org.). **Psicologia e povos indígenas**. São Paulo: CRP-SP, 2010. P.7-9.

VAUGHAN J. et al. (2015). Child-caregiver interaction in two remote Indigenous Australian communities. **Frontiers Psychology**, v. 6, n. 514, 2015. Disponível em: <<http://journal.frontiersin.org/article/10.3389/fpsyg.2015.00514>>. Acesso em Mai/2016.

VICTORIO FILHO, A. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 28, n. 98, p. 97-110, 2007.

VIANNA, J. J. B; CEDARO, J. J; OTT, A. M, T. Aspectos Psicológicos na utilização de bebidas alcoólicas entre os Karitiana. **Psicologia e Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 94-103, 2012.

VITALE, M. P; GRUBITS, S. Psicologia do Povos Indígenas: Um estudo preliminar do “Estado da Arte”. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 1, p. 15-30, 2009.

VIEIRA, R. A. Implicações pedagógicas da abordagem histórico cultural: aproximações. In: **9º Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, (Anais) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Paraná, 2009, pp. 3999-4009.

WAGNER, W. Indigenous Psychology and Overarching Representational Systems. **Journal of Groups Dynamics**, v. 30, p. 59-71, 2013.

YANG, K. S. Indigenous Psychology, Western Psychology and Indigenized Psychology: a nonwestern psychologist’s view. **Chang Gung Journal of Humanities and Social Sciences**, v. 1, n. 5, pp. 1-32, 2012.